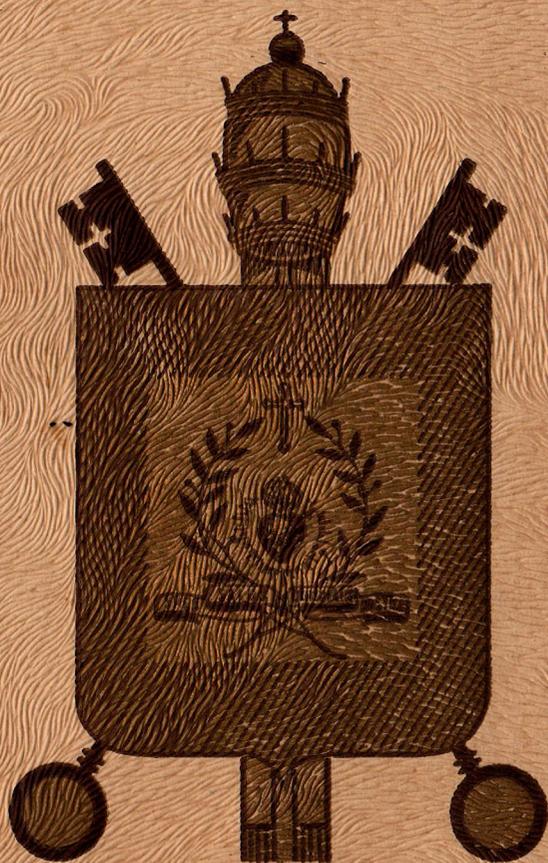
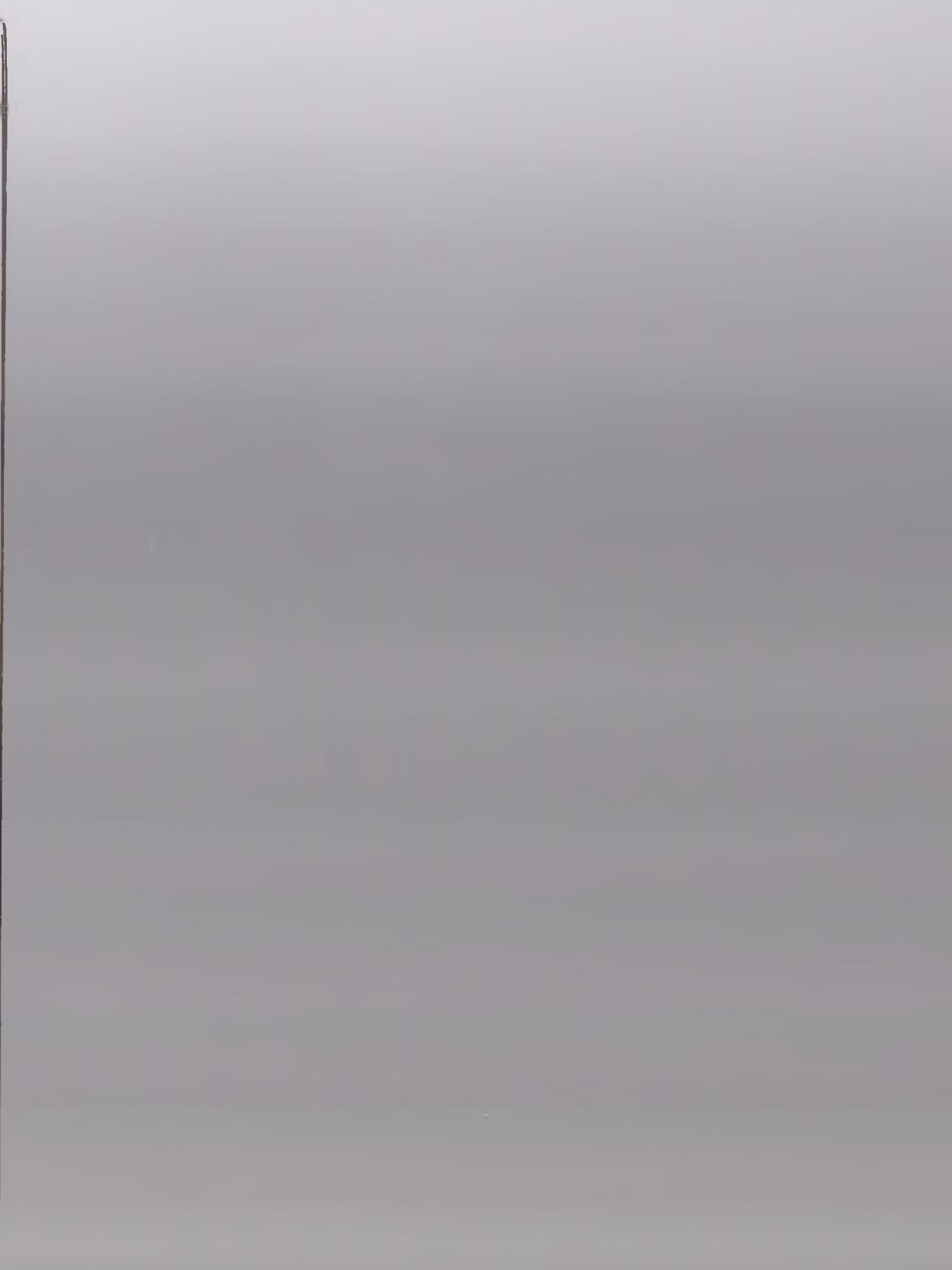


Coimbra



RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

PORTUGAL - 1950







Como Cardeal,
foi desvelado **PROTECTOR** do Instituto.
Como Papa,
por insigne mercê,
conserva o mesmo título e função de
PROTECTOR
das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.



Na gloriosa ocasião do
PRIMEIRO CENTENÁRIO
desse digno e estimado Instituto
das Religiosas do
Sagrado Coração de Maria
O AUGUSTO PONTÍFICE
sente-se muito feliz por exprimir às Religiosas
a Sua paternal satisfação pelo excelente trabalho
ao qual se dão com tanto zelo
e faz votos
por um apostolado cada vez mais frutuoso.
O Santo Padre
envia com todo o coração
a todas as Religiosas do Sagrado Coração de Maria
e a cada um dos que participam
nas suas actividades espirituais e temporais
A BÊNÇÃO APOSTÓLICA.

(Telegrama recebido do Vaticano,
na abertura do Centenário)



REV. MADRE MARIE GÉRARD
6.^a Superiora Geral
do Instituto do Sagrado Coração de Maria
na sua visita às casas de Portugal
em Junho de 1949

Marymount College

Tarrytown-on-Hudson, New York
3 de Novembro, 1950.

Muito queridas filhas de Portugal:

O meu coração vai até vós, numa saudação afectuosa e dedicada, ao ver-vos unidas em pensamentos e desejos, dentro da grande família do Sagrado Coração de Maria.

Vós, que sois as suas filhas privilegiadas da terra de Fátima, tendes tanto que dar aos outros por Ela vos ter consagrado especialmente como Suas Mensageiras junto dum mundo transviado. Por intermédio da vossa amada Nação, levou Nossa Senhora uma preciosa Mensagem à Críandade inteira, e as filhas do Sagrado Coração de Maria rejubilaram ao repartir com toda a humanidade da devoção que tem sido sua há mais de um século. Que alegria a vossa, queridas filhas, pela parte que tendes nesta dupla consagração ao Coração Sagrado de Nossa Senhora!

Os vossos Anais vão ser acolhidos carinhosamente por vossas companheiras, nas terras onde florescem os Colégios do Sagrado Coração de Maria. O espirito de amor e união, de simplicidade e doçura que dimanam do Coração de Maria hão-de falar a todos os corações dos ideais que a vossa educação vos deu.

O vosso livro trará impresso o selo do Sagrado Coração de Maria e, por consequência, convencerá todos os leitores, do zelo, sacrifício e actividade que animavam a vida de Maria e que têm que ser imitados pelas filhas do Seu Sagrado Coração.

Oxalá que os vossos Anais edifiquem a todos e lhes levem a mesma alegria com que eu antecipadamente saúdo este primeiro número.

A vossa mãe dedicada em Cristo

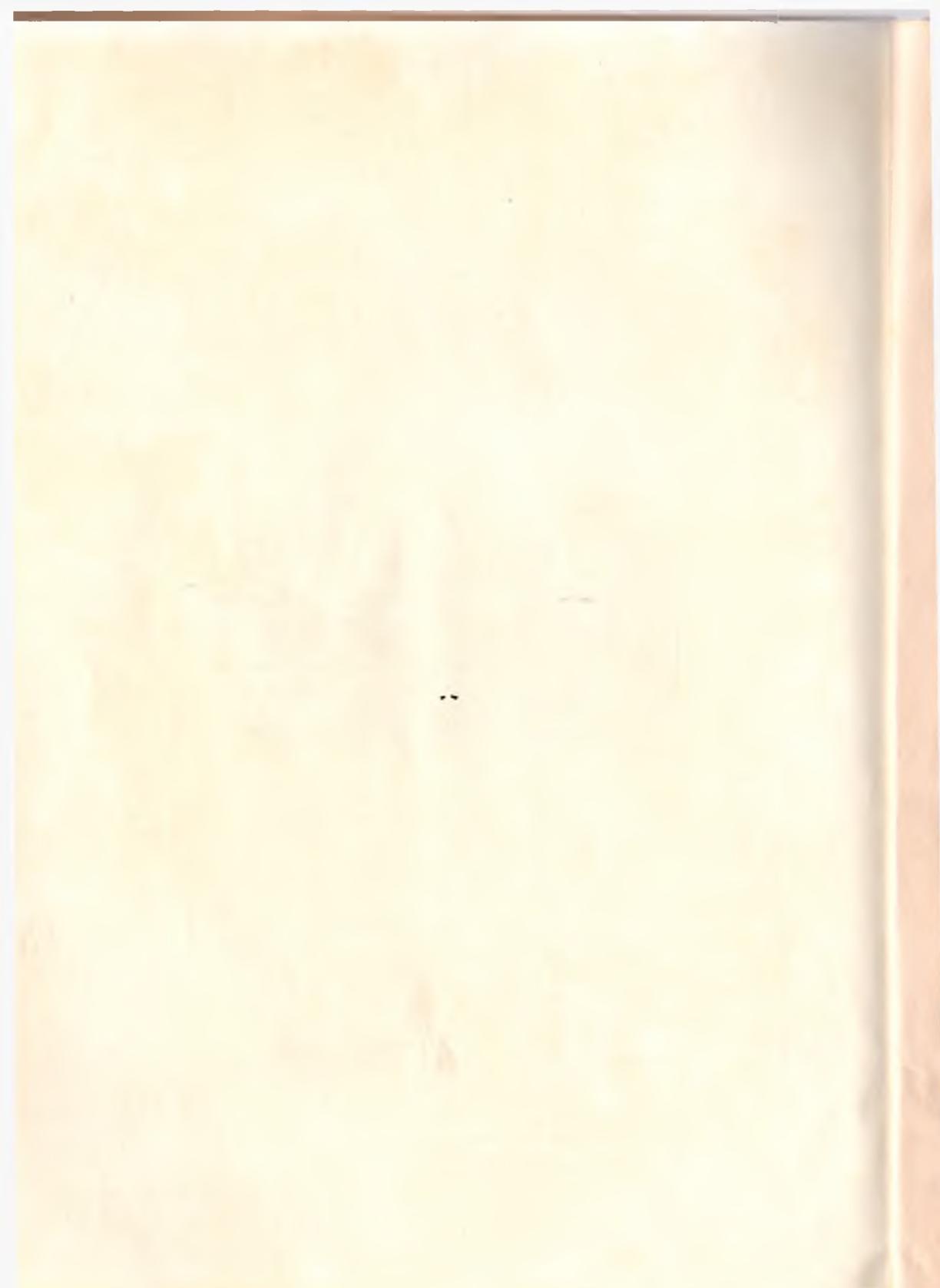
M. Immaculada R. G. S. S. S. S.



V. MADRE S. JOAO PELLISSIER – CURE

Pedra Angular

do Instituto do Sagrado Coração de Maria.
humilde templo erguido há um século
1849 / 1949
para glória da Trindade Santissima
e louvor do Sagrado Coração de Maria.



A Voz das Antigas



Às queridas ALUNAS e ESTUDANTES
dos Colégios e Lares do Sagrado Coração de
Maria — às de ontem e às de hoje — afectuo-
samente dedicam estes Anais da sua Associação,
no ANO SANTO de 1950

As Religiosas do S. Coração de Maria

A ideia da fundação de *Cormariae* foi lançada, em 1949, na festa da Imaculada Conceição, em todas as Casas do Instituto, em Portugal. Unânimemente recebida com entusiasmo pelas «Antigas», a ideia vingou. No decorrer do ano de 1950, a Associação foi-se organizando nos Colégios e Lares e, agora, volvido um ano, *Cormariae*, órgão da Associação, aparece na festa da Imaculada, sob o alto patrocínio da Rev.^{ma} Madre Geral, que se dignou prefaciá-lo com expressões de maternal carinho e apreço pelas suas «muito queridas Filhas de Portugal».

E porque, tanto a Associação como os seus Anais, são dedicados, dum modo particular, às alunas e Estudantes dos Colégios e Lares, convinha que fosse a *Voz* dum «Antiga» a primeira a fazer-se ouvir, neste volume que é também o primeiro a sair.

Faz um ano que este discurso foi pronunciado em Coimbra, na inauguração de *Cormariae*. Nada perderam, todavia, da sua oportunidade e do seu significado as palavras de «filial respeito, carinhoso afecto e sincera gratidão», que brotaram do nobre e dedicado coração da antiga aluna de Viseu, Dona Dionísia Camões de Mendonça, senhora a quem a causa da Educação Cristã Feminina muito deve pela acção exercida como Mãe de Família, no seu lar; como Professora e Reitora, no Liceu Infanta D. Maria. Sejam elas, nas páginas de *Cormariae*, o eco da *Voz das Antigas*, disseminadas por Portugal e seu Império.

//

«Mesmo que, por uma investidura expressa, eu não tivesse de usar da palavra, não deixaria de o fazer, espontaneamente, aproveitando tão asado ensejo para testemunhar às queridas Religiosas do S. C. de Maria o meu filial respeito, carinhoso afecto e sincera gratidão pelo muito que lhes devo desde que, no limiar da minha adolescência, comecei a sentir o santo influxo da sua superior orientação, que através da vida se tem feito sempre benêficamente sentir e que me levou a entregar-lhes todas as minhas filhas,

no santo desejo de as ver orientadas também por tão salutar experiência.

E desde esses dias — já tão recuados no tempo e tão presentes à memória como se fossem de ontem — de quantas provas de extremada gentileza sou devedora!

Recapitulo com saudosa lembrança a saída brusca do Colégio, no atordoamento e balbúrdia que se seguiram à proclamação da República; a preferência que me foi dada para, meses depois, ir de novo para um pequenino colégio que só durou

uns dias, mandado encerrar também, como o antigo... Isto e muitas outras coisas, por vezes imponderáveis, mas que se acumularam numa longa dívida de gratidão».

Passando depois a fazer a exposição dos Estatutos, disse a oradora :

— «Lendo os 14 artigos desta pequenina Constituição, não podemos deixar de louvar o acerto que cada um deles nos revela.

Começando por definir a Associação, e dando-lhe a linda designação de *Cormariae*, o art. 1.º, cria para nós uma família nova — enraizada no amantíssimo Coração de Nossa Senhora — e cujos membros se estendem, por Portugal além, numa espiritual solidariedade, pela qual se realizarão os fins da instituição, expressamente definidos no art. 2.º.

Não posso deixar de sublinhar o conteúdo tão profundamente actual desta regra, onde se insiste na necessidade do conhecimento intenso e sério, quer dos conhecimentos religiosos pelos quais robusteceremos a nossa fé e piedade, quer também das doutrinas sociais, no seu reflexo na vida da família e na educação.

Na verdade, todo o estímulo que a luz do Evangelho possa lançar para a solução dos problemas da vida (que todos nele encontram solução), será um passo em frente para a perfeição do mundo, atingível na medida em que cada uma de nós a tiver realizado em si mesma.

É para no-lo tornar mais evidente, chamando a nossa atenção para pontos tão essenciais da nossa vida de cristãs, que aquela norma se formulou, tudo encaminhando «para Jesus por Maria». É este o lema que nos marca o art. 3.º, insinuando-nos que nele «buscaremos inspiração e estímulo para informarmos de espírito cristão todas as actividades da nossa vida».

Os art.ºº 4.º, 5.º, 6.º e 7.º, indicam que a Associação tem a sua sede em Lisboa, e secções nas terras onde existem Casas do

Instituto. Classificam-se as associadas em honorárias e efectivas e diz-se como a admissão pode ser feita.

Quanto a pagamento de quotas, não prescreve o art.º 8.º a sua obrigatoriedade — característica muito simpática esta, por vincar assim, plenamente, quanto é secundário este aspecto, no plano da organização. A nós pertence, entretanto, compreender que a Associação acarreta sempre despesas (de expediente e outras mais), competindo-nos concorrer, quando pudermos e como pudermos, com qualquer óbulo voluntário, na certeza de que o pouco ou muito que dermos há-de frutificar nas obras de «*Cormariae*».

Nas actividades propostas no art.º 13.º marca-se, além do encontro anual, na festa ou na Oitava da Imaculada Conceição, um retiro e reuniões de confraternização».

E, num vibrante apelo às «Antigas», rematou a oradora o seu discurso, dizendo:

«Esses encontros proporcionar-nos-ão ensejo para tratarmos problemas actuais, entre nós e as nossas queridas Religiosas.

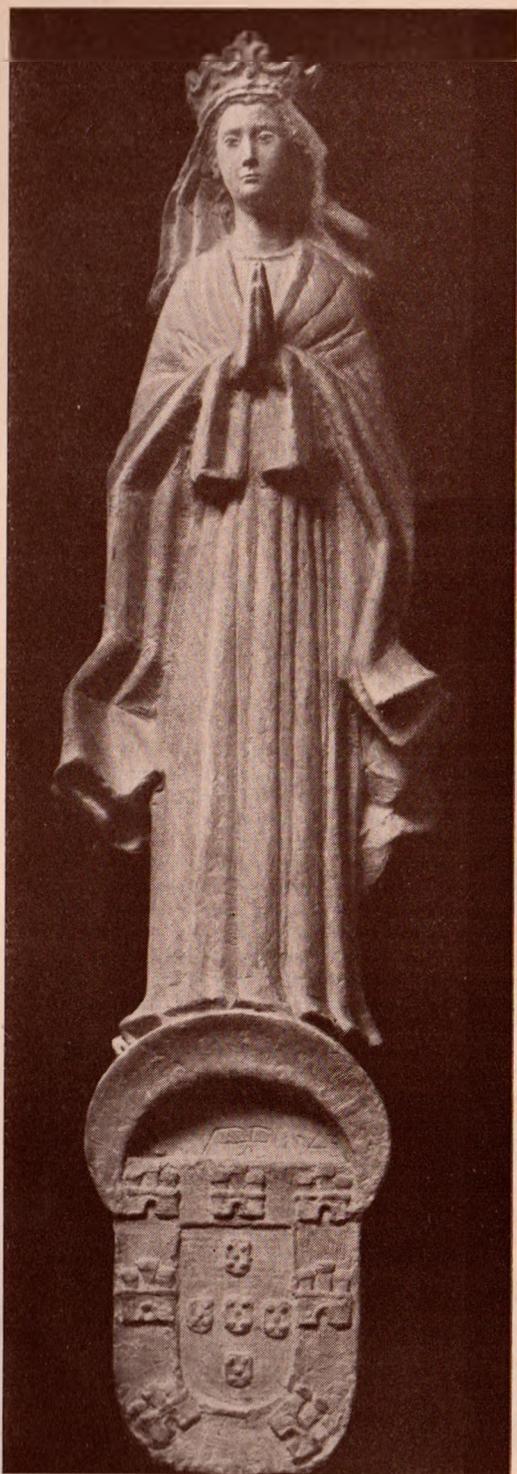
As mais antigas, pondo em comum a nossa bagagem de experiência dum mundo convulsionado de doutrinas erróneas, vividas numa sociedade que se diz cristã, mas que revela uma apostasia permanente.

As mais novas, trazendo as suas esperanças, o seu optimismo e o seu ardor pelas coisas difíceis.

As Religiosas, dando-nos, pelo contacto íntimo e contínuo com elas, o calor da sua piedade ardente e a clarividência própria das almas que vivem mais perto de Deus.

— Vamos, todas, portanto, em espírito de Fé, procurar luzes novas neste mútuo entendimento, para uma melhor compreensão da vida !».

DIONÍSIA CAMÕES DE MENDONÇA
(«Antiga» de Viseu)



Na luz
da

ASSUNÇÃO DE MARIA

JOSÉ CARVALHAES; S. J.

Un des plus beaux jours de l'Eternité, a du être l'exaltation de la Sainte Vierge sur le trône que son Fils lui avait destiné.

BOSSUET

O que se teria passado no Céu quando a Virgem Nossa Senhora foi levada pelos Anjos, para ser eternamente glorificada, em corpo e alma, nós não o sabemos. Mas quem poderá esquecer a apoteose de glória que deslumbrou todo o mundo católico, no dia em que o Soberano Pontífice Pio XII, na majestade esplendorosa de uma das cerimónias mais solenes da história da cristandade, definiu em Roma, perante um milhão de crentes, como dogma de fé, a Assunção em corpo e alma de Nossa Senhora ao Céu?

Repicaram os sinos pelo orbe inteiro. Não houve uma só alma crente que não exultasse de comovido entusiasmo. A definição dogmática da Assunção de Maria, era mais uma grande data esculpida a oiro nos fastos da Igreja.

Nas delirantes aclamações que saudaram a Mãe de Deus, ao sabê-lo coroada por tão gloriosa prerrogativa, não trasbordava apenas o regosijo do povo fiel, a assinalar um grandioso momento histórico. Era como se ressoasse então o eco majestoso e pleno de fervorosas ressonâncias, dum coro de vozes que jamais se calaram em 20 séculos cristãos, proclamando com insistência que Nossa Se-

É do escultor Alvaro de Brée (pai da Maria João, aluna do Colégio de Lisboa), esta formosa imagem, destinada à Catedral de Nova Lisboa. O mesmo sopro de inspiração cristã anima outra obra sua: o tímpano dessa Catedral, onde se admira a Glorificação de N. Senhora e os factos mais assinalados da história de Angola.

nhora, por singular privilégio divino, foi elevada ao Céu, em corpo e alma, após o curso da sua vida terrena.

EM PLENA ERA MARIANA

Se houve época na história da Igreja em que a devoção a Nossa Senhora atingiu culminâncias talvez nunca superadas, não será por ventura esta a que actualmente assistimos? É bem manifesto que vivemos em plena Era Mariana, significativamente atestada pelo afã investigador dos Teólogos, no horizonte deslumbrante da Escritura e documentação patristica, e pela piedade dos crentes, em manifestações isoladas e colectivas de confiança filial, que convergem para os Santuários da Mãe de Deus, e repercutem tão salutarmente na vida cristã dos povos.

É recordar Fátima. Hoje em dia, e de maneira cada vez mais impressionante, a mensagem da Senhora — doce Peregrina dos nossos caminhos de exílio — eco em todos os recantos da terra e atrai para a Cova da Iria o peregrinar distante de tantos milhares de almas. Quantas delas, só pela mão virginal de Maria, encontraram enfim o rumo do Céu...

Portugal exultou de alegria! E como não haveria de ser assim? Da devoção constante e filial do povo português a Nossa Senhora da Assunção, falam tão alto e tão comovedoramente, quase desde os primórdios da nacionalidade, a história, a arte e a piedade espontânea da nossa gente, que até ocorre perguntar se haverá no mundo outro país com mais exuberantes testemunhos de viva crença no privilégio agora definido pela Igreja. Quem nos dera aqui referi-lo todos!

PERGAMINHO DE DOIRADA ILUMINURA

Vem de bem longe a crença na Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma! Sempre vicejante na alma dos fiéis, e sempre acalentada pelos desvelos autorizados da Igreja, dir-se-ia pergaminho de doirada iluminura a Tradição constante deste privilégio. As exclamações fervorosas dos Santos Padres e de tantos escritores eclesiásticos, acresce o testemunho expressivo da própria Liturgia dando solene expansão à piedade ingénua e filial dos crentes, ao promover, desde tempos tão remotos, no Ocidente e no Oriente cristão, a Festa magnífica da Assunção de Maria.

Assim se explica perfeitamente como na hora actual, mesmo antes da defini-

ção dogmática, era já um facto assombroso na Igreja católica a concordância tão unânime do Episcopado de toda a cristandade, dos Teólogos mais autorizados e da grande massa dos fiéis, ao manifestarem o anseio de que o magistério infalível da Igreja definisse como dogma de Fé a Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria.

É na luz esplêndida desta fé universal da Igreja, agora confirmada por solene definição pontifícia, que a Teologia católica se compraz em ver em certas páginas da Escritura, embora não dum modo explícito, a verdade da Assunção da Mãe de Deus, que a Tradição oral nos transmitira através de tantas gerações.

Na claridade sobrenatural da Assunção, toda a sublime constelação de prerrogativas marianas refulge com novo brilho no horizonte da nossa fé: **Maternidade divina, perpétua Virgindade e Imaculada Conceição.**

PROVIDENCIAL ESTÍMULO DE OPTIMISMO CRISTÃO

Mas se o dogma definido projecta luz do Alto nos mistérios privilegiados da vida de Maria, não menos contribui para afervorar as almas na devoção ao seu Imaculado Coração que, nesta era mariana de Fátima, tão maravilhosamente se difundiu pelo mundo católico. A certeza dogmática da fé na Assunção, mais ainda veio robustecer a confiança no amor maternal de Maria ao assegurar-nos que, lá no Céu, palpita vivamente aquele Coração Puríssimo que, na terra, tanto amou seu divino Filho e tanto sofreu por amor dos homens. A Assunção dá assim, emocionante significado à ternura filial que nos atrai tão confiadamente para o Imaculado Coração de Maria.

E não é apenas a nossa devoção que se afervora. É a nossa própria vida moral que a Assunção da Santíssima Virgem poderosamente estimula, ao erguer-nos para o Céu os anseios virtuosos de altura e valorização sobrenatural, apesar de mil seduções terrenas tentarem alhear-nos a alma dos tesouros celestes.

A Assunção de Maria, providencialmente definida nestes tempos de idolatria da matéria e de febre estonteante de prazer sensível, reclama a homenagem não apenas dum espiritualismo esclarecido, mas também dum verdadeiro enaltecimento cristão do corpo, nas perspectivas glorificadoras da ressurreição final da carne para a Vida Bem-aventurada.

(Continua na pág. 13)



Céu na Terra

*Vida viva é só aquela
Que a Graça de Deus persuade
A já ser Eternidade
Antes da morte e sem ela.*

*Nave ancorada, abre a vela
Ao sopro do Céu que a invade;
Foi-se o Desejo... e a Saudade
Nunca o Espírito enregela.*

*Viva e morta à Vida, vence-a:
Vive-a fora da existência —
Humilde, simples e calma...*

*Enquanto esta lhe não finda,
No corpo, que habita ainda,
Nada é corpo e tudo é alma!*

Alberto Moura

(Pai da Maria Flávia, aluna
do Colégio de Lisboa)

COMO SE FOR



— «Quero ser padre, e hei-de sê-lo.
só para Deus e para as almas!»

(P. Gailhac)

«Em que virá a dar aquele rapaz...»

NUMA noite de Inverno, João chegou a casa descalço, os pés inteiriçados pelo frio, negros das pedras da calçada.

— Gailhac, onde estão os teus sapatos? — perguntou a mãe, consternada. Era costume chamar pelo sobrenome ao filho mais velho.

— Mãe, estava todo esfarrapado... não tinha botas... o frio cortava lá fora... era da minha idade.

Ana Cruzillac quase lhe gritou:

— Deste então os sapatos! Os sapatos que se compraram com o dinheiro do teu pai — e ele a suar todo o dia por meia dúzia de francos!

Neste momento, interveio o pai de João.

— Virgem Santíssima! — disse com bom modo para a mulher. — Estás a ralhar-lhe por fazer o que Deus manda?

A Senhora Gailhac deixou cair as mãos, vencida.

— Tens razão — disse.

Confuso, o rapaz saiu da sala.

Depois, todas as vezes que a mãe via que um par de sapatos ou uns calções de veludo preto faltavam, já não ralhava. Naquela noite, porém, quando os filhos

já tinham ido deitar-se e António Gailhac limpava uns arreios, junto do lume, ela queixou-se:

— Lá deu os calções o rapaz.

— Tem paciência! — replicou António Gailhac. — Ele é melhor que todos nós.

Ana Cruzillac inclinou-se sobre o lume para pendurar uma panela de cobre.

— É por tua causa que eu me aflujo. O dinheiro custa a ganhar.

— Há sempre o suficiente para os pobres — respondeu o homem.

A mulher levantou-se pesadamente. Ficou algum tempo de pé, as mãos na cinta, olhando abstractamente o lume.

— Em que virá a dar aquele rapaz...».

Sê fiel, meu filho!

PORQUE não me cedem vocês o vosso filho mais velho? — perguntou o tio. — Ele é esperto. Se tiver juízo, deixo-lhe a farmácia, deixo-lhe tudo.

António Gailhac abanou a cabeça.

— O rapaz está no Colégio.

O tio escarneceu.

— No Colégio? Que regalias lhe vêm daí? Nos tempos em que estamos, não se mata a fome com Gregos e Latins.

No silêncio que se seguiu, João levantou-se e foi para a janela, preocupado.

O tio impacientava-se.

— Não é assim muito frequente oferecerem a um rapaz negócio de tantas vantagens e, por cima, uma fortuna. Pelas vossas caras, até parece que estão a propor-lhes um homicídio.

— Por quem é! Até apreciamos muito a sua lembrança — disse Ana Cruzillac com sinceridade.

— Gostaria que fosse o rapaz a decidir — acrescentou pausadamente o pai.

O tio que começara a duvidar do bom êxito da sua proposta, ficou muito esperançado.

Um rapaz normal não hesitaria. Tolosa era a grande cidade, com casas de espetáculos, cafés iluminados, lindas carruagens que passavam, durante todo o dia, com senhoras bem vestidas, cobertas das mais finas peles, a assomarem às janelas.

— Que dizes, João? Alguns anos em Tolosa e metade das meninas de Béziers a disputarem as tuas atenções...

O rapaz voltou-se na janela.

JÁ UM SANTO

— Obrigado, tio. Quer saber já a resposta?

— Não, evidentemente. Pensa, se que- res.

João pensou, pensou sèriamente.

Na encosta da colina que dava para o Sul, lá longe, onde os Pirenéus, cobertos de neve, cintilavam ao Sol, lutou com o seu problema. Eram seis filhos a educar e os pais tinham poucos meios. Estava na sua mão trazer-lhes a segurança necessária. Havia razão para recusar?

João consultou o Reitor de Santo Afrodísio.

— Tu hás-de ser padre — disse o velho cura, em tom decisivo.

— Não posso — murmurou o rapaz.

— Porquê?

João hesitou.

— Porque... porque é preciso ser muito santo para isso e... eu não o sou.

O bondoso cura fez que não com a cabeça.

— Se julgasses que o eras, então, meu rapaz, o sacerdócio não era para ti.

Por fim, João foi com o tio para Tolosa.

//

A missa terminara às cinco horas. Na sacristia, o Padre Martinho, ajoelhado no genuflexório, rezava as orações de acção de graças. João, vestido com a sua batina de acólito, apagava as velas do altar.

Quando voltou à sacristia, esperou que o velho cura se erguesse.

— Senhor Padre, — disse hesitante — parece-me que tem razão. O Senhor chama-me para o sacerdócio. Agora estou pronto.

Nunca mais esqueceu a resposta do velho Padre:

— Então, sê fiel, meu filho, antes que seja de outro a coroa que está reservada para ti.

Anda a ensaiar-se para santo...

DURANTE oito anos, o Seminário foi a crisálida de João Gailhac. A casa fria, rodeada de altos muros, vista da rua parece a imagem verdadeira da inacção, contudo, no interior, é a incarnação perfeita da vida laboriosa duma actividade definida que acaba na metamorfose.

O rapaz de boa-vontade, semi-educado, imponderado, que transponha os seus por-



— «Peçam só a Deus que se digne triturar-me, para me tornar digno de entrar no céu».

(P. Gailhac)

tões, surge, a seu tempo, tão diferente do seu primitivo modo de ser como a borboleta da sua larva. A mudança realiza-se através do sofrimento, mas sofrimento imposto por vontade própria.

Durante os meses de Inverno, João habituou-se a longas horas de meditação na capela e ainda a mais longas horas de estudo na biblioteca, interpretando profundos livros de Teologia.

A par disto, as manhãs de esfrega de soalhos, de serviço no refeitório.

Nem todos os estudantes gostavam do rapaz de cabelos castanhos que caminhava com a cabeça levemente erguida, de olhar voltado para o interior, e não ria quando eles imitavam, troçando, as repreensões do Prefeito.

— Anda a ensaiar-se para Santo — diziam com desprezo, sem compreenderem que o hábito do recolhimento, como o hábito do amor, nasce e se desenvolve daquilo de que se alimenta.

Vocês os padres...

O Padre Gailhac fez o sinal da cruz. Depois rezou em voz alta, permitindo que os homens o acompanhassem ou não, conforme fosse sua vontade. Reparou num

novo preso — rapaz ainda, magro, com aparência de tuberculoso, que se encostava pesadamente à parede caiada, por baixo da janela de grades.

— João Gailhac — disse-lhe simplesmente o sacerdote, oferecendo-lhe a mão, — sou do Seminário.

O homem recusou a saudação. Olhou para o Padre com olhos penetrantes e frios; depois, com troça, atirou-lhe:

— Vocês, os padres, entram em toda a parte! Para que vêm aborrecer-nos? Aqui já há lixo que sobre, mesmo sem vocês!...

Imediatamente um recluso deu um passo em frente.

— Fica sabendo que o Senhor Padre é nosso amigo, e todo aquele que entrar para este inferno ou o respeita, ou lhe esmigalho a cabeça! — E tinha o punho cerrado debaixo do queixo do outro, mas retirou-o ao encontrar o olhar do sacerdote.

O homem continuou encostado à parede, a olhar de través. Balouçava-lhe o corpo, como se estivesse embriagado.

O Padre fitou-o uns momentos e disse: — Está doente?

O homem fez que sim com a cabeça.

Neste momento, as pernas falharam-lhe, e caiu no chão.

— É fome, senhor Padre — disse um.

O sacerdote atirou a um dos presos um pacote com doces e tabaco.

— Deve chegar para todos. Dividam igualmente. Vou buscar comida.

Abriu rapidamente a porta, fechou-a outra vez do lado de fora e desceu ao gabinete do carcereiro, onde parou.

— Há um homem com fome.

— Ora, eles estão a brincar com o senhor!

— Mas, creia, há um preso que tem fome. Digo-lho eu.

— Pois bem, são quatro horas — tornou o guarda —, comerá às sete e meia.

— Às sete e meia?! Pois há-de comer agora mesmo — replicou o Padre — vou eu próprio buscar-lhe de comer.

Num café próximo, comprou uma tigela de caldo quente. Se o homem estava fraco, não suportaria comida forte.

Voltando à prisão, viu ainda o homem caído no pavimento. Pediu aos outros que o amparassem de encontro à parede, enquanto ele lhe dava o caldo.

Comia em silêncio, e a cor tornava-lhe, pouco a pouco ao rosto.

Quando a tigela se esvaziou, ergueu os olhos:

— Desculpe o que disse.

— Deus o abençõe! — respondeu o Padre.

Caminho para o Céu.

GOSTARIA de ir para capelão do Hospital dos Lázaros — disse sem mais rodeios o Padre Gailhac ao Vigário Geral.

O Vigário olhou para ele, atônito.

— Capelão do hospital?!

— Sim, Monsenhor.

— Mas deseja ficar permanentemente? É inacreditável!

— Eu creio que é a vontade do Senhor.

— Quantos anos tem?

— Vinte e oito.

— Com vinte e oito anos a pedir o trabalho dum velho! Quando estiver com os pés para a cova, então é que irá para o hospital. Espere mais quarenta anos.

— Gostava de ir agora, Monsenhor.

— Sabe quanto recebe?

— Setecentos e cinquenta francos, creio.

— É uma miséria — a maior miséria que conheço.

— Não preciso de dinheiro.

O Vigário Geral pegou num crucifixo, pensativamente.

— Tão novo, que deseja fazer num hospital daqueles? Não é caminho para levar a grandes coisas.

— É caminho para o Céu!

O Vigário, mandou o jovem sacerdote à presença do Bispo.

— Talvez não passe bem de saúde — sugeriu o Bispo, procurando adivinhar a causa de tão estranha petição.

— Passo muito bem, Senhor Bispo.

— Talvez não saiba que nós conhecemos as suas aptidões. No hospital, afasta as possibilidades dum futuro brilhante!

— Mas não me afasto de Deus!

O Bispo endireitou-se.

— Então que tenciona lá fazer?

— Aliviar sofrimento e salvar almas.

O Bispo voltou-se novamente para o homem sentado à sua frente — o sacerdote da diocese em quem tinha mais esperanças.

— Seja feita a vontade de Deus! — disse.

Quando se levantou, o Padre Gailhac ajoelhou para receber a sua bênção.

(Do livro «Gailhac of Béziers» H. Margaret, traduzido e adaptado por M. Madalena Donas Boto, filha duma «Antiga»).

O QUE O COLÉGIO FOI PARA MINHA MÃE

O que o Colégio foi para minha Mãe? A época melhor, mais tranquila de que se recorda — como tantas vezes mo tem repetido.

Em primeiro lugar, pela amizade e pela bondade que a cercavam — por parte das Religiosas do Sagrado Coração de Maria e, também, das suas companheiras, que ficaram a ser amigas de toda a vida.

Em segundo lugar, pela série de pequenas coisas — de coisas tão simples, afinal! — que chegavam para lhe dar, no Colégio, uma felicidade extraordi-



Há sessenta anos...

nária. Bastava uma lição bem sabida, ou uma festa na Capela (e, mais que nenhuma, a de Nossa Senhora da Conceição, em 8 de Dezembro, a que se associavam as antigas alunas), ou as visitas da família aos domingos, ou os divertidos ensaios das representações do fim do ano. A alegria que lhe causava qualquer destes *acontecimentos* talvez pareça hoje desproporcionada — mas o certo é que lhe enchia o coração; e ainda agora lhe enche a memória...

Donde mais uma vez se demonstra que ser feliz é, em última análise, uma vitória que se obtém de *dentro para fora*. Quer dizer: se uma alma é pura e clara — não se vêem sombras através dela...

QUATRO GRANDES EDUCADORAS



Madre S.^ª Constança Farret
(Francesa)
5.^ª Sup. Geral
† a 4 de Abril de 1926



Madre M.^ª José Butler
(Irlandesa)
6.^ª Sup. Geral
† a 23 de Abril de 1940



Madre M.^ª da Eucaristia Lencastre
(Alentém)
1.^ª Pr. de Portugal
† a 21 de Junho de 1931



Madre M.^ª de Aquino Vieira Ribeiro
1.^ª Prov. do Brasil
† a 19 de Dezembro de 1937

O QUE O COLÉGIO FOI PARA MINHA MÃE

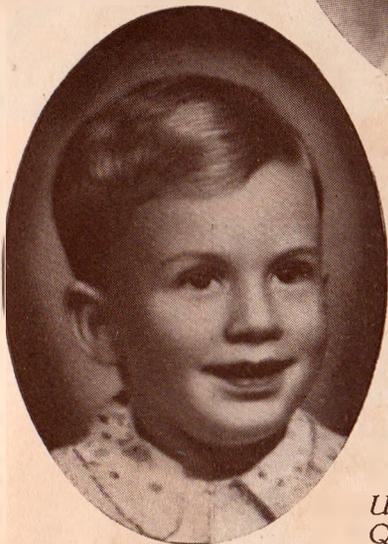
(Continuação da página anterior)

A felicidade maior, contudo, devia resultar da perfeita harmonia entre os pensamentos e os actos; da plenitude da fé, que era protecção, estímulo e recompensa para todas as horas e para todos os esforços; do culto da verdade e da rectidão que no Colégio encontrou sempre vivo e que nunca deixou, pelo tempo adiante, de orientá-la e de fortalecê-la; e do valor do exemplo dado pelas Madres e pelas Irmãs com quem tanto gostava de conviver — a começar na sua Superiora — a futura Madre Geral, Maria José Butler — que tão generoso affecto lhe consagrou e cuja lembrança se conserva inalterável na sua saudade.

Esse exemplo de fervor espiritual e de virtude simples é que tocou decisivamente a sensibilidade de minha Mãe, lhe apontou os caminhos a seguir, a resguardou de qualquer tendência para o azedume ou para o desânimo — quando, mais tarde, veio a conhecer a experiência da vida comum. Maravilhavam-me, a cada passo, o optimismo e a indulgência caritativa com que minha Mãe julga todas as pessoas, todas as fraquezas, todas as intenções... É um raro poder transfigurador, que se recusa a ver, ou a supor, o mal e, pelo contrário, sabe e consegue descobrir o bem, por mais escondido que esteja.

Sei onde o adquiriu. Sei que não se trata de um idealismo cego — mas de um desejo magnânimo de melhorar, ou de perdoar. Se nada mais houvesse — e há, sem dúvida! —, isto seria suficiente para também eu ser extremamente grato ao Colégio prodigioso onde minha Mãe aprendeu a olhar o Mundo com tanta misericórdia e com tanta confiança!

JOÃO AMEAL



*Filhos
Netos
Sobrinhos
das*
ANTIGAS

*Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chora,
É risonha aurora
Que o coração nos esmalta.*

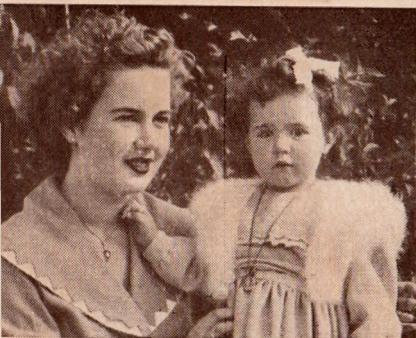
*Triste daquele a quem falta,
Na vida que se evapora,
Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chora.*

*Se o desalento me assalta,
Se a doença me devora,
Dá-me uma estranha melhora,*

*Que me anima e que me exalta,
Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chora!*

CONDE DE MONSARAZ
(das «Poesias»)

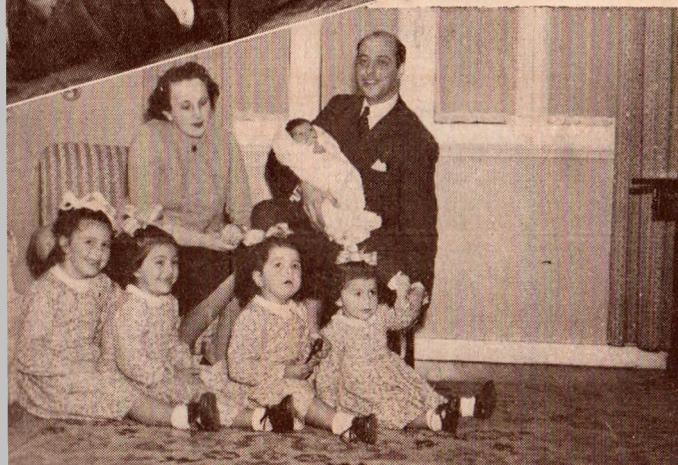




1 — A mãe parece irmã da filha
— ontem, ainda andava no
Colégio de Lisboa...

2 — Avó e mãe andaram no
«Coração de Maria»; daqui a
três anos, vai ela reatar a tra-
dição...

3 — Pela mão da Mãe, a pa-
pinha sabe melhor...



4 — Cinco «Marias» — um lar
em festa! A mais velhinha já
anda no Colégio do Porto —
o Colégio da mamã — e as
maninhas lá irão ter a seu
tempo. Mudam as Mestras, vão
algumas para o céu, mas não
muda nada no Colégio, porque
é sempre... o «Coração de
Maria»!



A «Cilinha»

À memória de Maria
Cecília Braga de Beires.

A «Cilinha»! Quem algum dia a viu, jamais a esqueceu.

Uma tarde, em Leça, passou no seu carrinho. Ia para a praia, com a irmã mais velha. Não sei que idade teria — um ano, talvez? Debrucei-me a beijá-la, enternecida, quase com respeito. E pensei: — os anjos devem ser assim!

Lar cristianíssimo o de seus Pais, tudo à sua volta a levava para o Bem, para Deus. Aos sete anos, fez a Primeira Comunhão. Antes, pôs-se a fazer muitos sacrifícios, para dar ao Menino Jesus, quando a viesse visitar. Há dias a Terezinha — que a preparou para esse dia —

foi encontrar, na sua mesa de estudo, o caderninho onde os apontava.

Pela altura da 4.ª classe, entrou para o Colégio e, se não foi mais novinha, como as outras irmãs, é que a sua saúde delicada exigia cuidados especiais. Quando a viram a primeira vez, as companheiras disseram, baixinho, umas às outras:

— Que linda que é!

Pouco gozaram da «Cilinha». Enfermidade grave, implacável — uma encefalite tuberculosa — levou-lha, de novo, para casa. E ela que tão contente andava no Colégio!

Começou a sua «Via-Sacra»... Dotada de feitio vivo e sensível, admira como levou os longos e penosos 14 meses que durou a doença, tão conformada e bem disposta.

No dia 8 de Dezembro de 1949, as Religiosas quiseram dar-lhe uma grande alegria: um grupinho de «Filhas de Maria», vestidas de branco (pedia-o a festa da Imaculada e a alma branca da «Cilinha!»), levou-lhe a fita azul tão ambicionada. A presidir à linda cerimónia, um sacerdote da Companhia de Jesus; em torno da cama, a família — pais e irmãos —, já com lágrimas nos olhos, a prever que ela lhes ia fugir para os braços da Mãe do Céu...

No mesmo dia, entravam para a Congregação de Nossa Senhora duas de suas irmãs. Mas nenhuma teve festa tão linda como a «Cilinha»!

Por três vezes esteve a morrer, e sempre em festas de Nossa Senhora.

Por fim, na véspera de 13 de Abril, deste Ano Santo, à hora em que se acendiam, em Fátima, as velas para a procissão e que a Senhora saía para a sua Capelinha, em busca de almas para o Filho, lá a levou consigo para o Céu. Tinha onze anos.

E agora a «Cilinha», com os Anjos, seus irmãos, cantará os louvores de Deus e de Maria, pelos séculos sem fim... Amen.

M. de C.

Na luz da Assunção de Maria

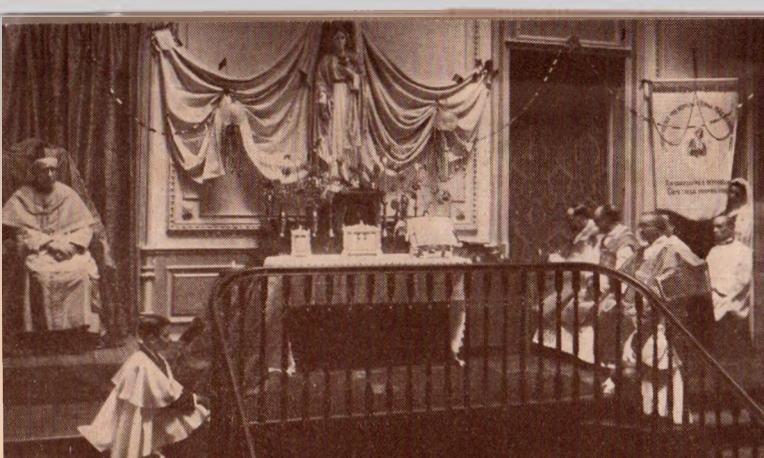
(Continuação da pág. 4)

Quando se contempla Maria, exaltada aos Céus em espírito e carne, melhor se compreende o sentido transfigurante de toda a vida humana, e a altíssima dignidade do corpo, Templo de Deus vivo, santificado tantas vezes pelo contacto sensível dos Sacramentos, purificado pela ascese e sofrimento físico, e colaborador

dia a dia na valorização dos nossos trabalhos e fadigas, para ser por fim participante na Glória.

A Assunção de Maria é, na hora presente, providencial estímulo de optimismo cristão.

JOSÉ CARVALHAES, S. J.



Encerração do Centenário — Missa Solene



*Natal dos Pobrezinhos
no ano do Centenário*



P O

Cormariae no Porto

No dia 8 de Dezembro de 1949, reunidas as ex-alunas para a festa habitual, procedeu-se à eleição dos membros da Direcção de «Cormariae», conforme tinha sido anunciado, no ano anterior. Essa eleição deu os seguintes resultados:

COMISSÃO ACTIVA:

Presidente, D. Maria Regina da Costa Brito; *Secretária*, D. Maria Mercedes Clavel do Carmo; *Tesoureira*, D. Maria José Cordeiro Leite.

COMISSÃO DE HONRA

Presidente, D. Adelaide de Sousa Chambers; *Secretária*, D. Maria Margarida Nunes de Almeida; *Tesoureira*, D. Idalina Ferreira da Silva.

Já se inscreveram 140 Antigas Alunas, mas as actividades próprias da Associação só terão início a partir da reunião de Dezembro de 1950.

Todos os Sacramentos

Quem conhece o Barredo? Esse bairro miserável onde os pobres vivem em casebres infectos, onde os doentes morrem sem assistência médica e onde, a cada canto, se vêem crianças e velhos cheios de fome e de frio?...

Três das «antigas» conhecem-no bem e visitam-no a miúdo. Riqueza e automóveis, que bem elas sabem utilizá-los para levarem aos pobrezinhos do Barredo alimento, roupas, médico e socorros espirituais.

Um dia, uma delas chega ao Colégio, a contar a última proeza apostólica e, com o legítimo entusiasmo de quem ajudou a meter uma alma no Céu, saiu-lhe esta:

— Hoje, o Sr. Abade deu *todos os Sacramentos* ao «meu velho»!!

A verdade, porém, é que apenas recebera quatro — e já não era pouco! — : Baptismo, Comunhão, Matrimónio e Extrema-Unção.

E a x. comentava, quase tão feliz como o seu protegido:

— Que sorte! Lá se foi ele, como o Bom Ladrão, gozar das Alegrias Eternas!

R T O

O Zêzinho e o Papa

Que as crianças são, regra geral, o termómetro a registar a temperatura do meio onde Deus as fez germinar, sabem-no todas aquelas cuja missão é educar.

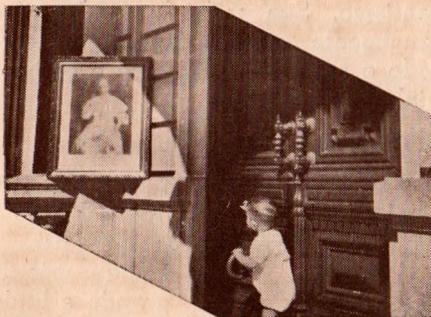
Há tempos, uma antiga aluna do Porto foi visitar as suas Mestras com o seu filho Zêzinho — uma encantadora criança de 17 meses.

Ao chegar à galeria, o pequenino percorre-a com olhar inteligente, fixa um quadro que se encontra em lugar de honra e, apontando-o com o dedinho, exclama entusiasmado:

— O Papa!

Disse-nos então a mãe, que o Zêzinho nunca confundia o retrato do Santo Padre e sabia distingui-lo entre muitos outros. Não nos enganou. Momentos depois, passávamos pela Secretaria. No meio de vários objectos, reconhece Pio XII, numa pequena fotografia, e exclama, de novo:

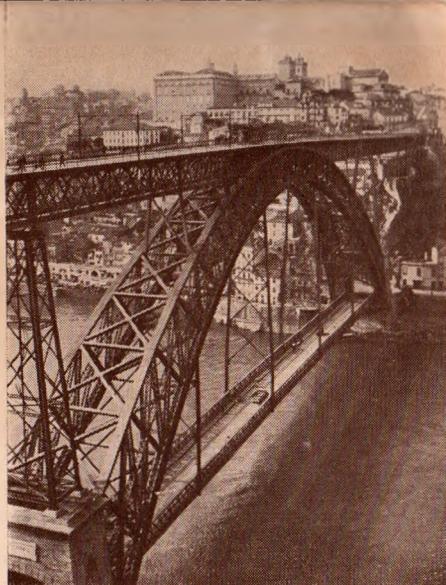
— O Papa!



As «Antigas» fazem Acção Católica

Afife, é uma aldeia minhota nas proximidades de Viana do Castelo. Ai vivem, parte do ano, a Maria das Mercedes e a Maria Cândida Clavel do Carmo, numa pitoresca vivenda, cercada de maciços de verdura, roseiras e gerânios.

Quando, este ano, de visita a Viana do Castelo, o Colégio de Nossa Senhora do Rosário foi convidado pelo Ex.^{mo} Sr. Fernando Clavel do Carmo a visitar Afife, Mestras e Alunas ficaram maravilhadas com a graciosa recepção. A Prê-J. A. C., masculina e feminina (por elas organizadas), recebia-as à entrada: as raparigas, lindas nos seus garridos trajes regionais, faziam cair sobre as visitantes sorrisos e flores; os rapa-



Lá ao fundo, a «Cidade da Virgem», berço do Instituto em Portugal

zitos, de camisa alva e cara alegre, expandiam galhardamente o gosto que a visita lhes causava.

Depois de uma pequena refeição, visitaram a «Sala da Acção Católica» — onde foram encontrar os pequenos associados a tomar um «chá de honra»... às visitantes.

A Prê-J. A. C. tem aí a sua biblioteca e todos podem entrar na «Sala da Acção Católica», não só para requisitar livros, mas também para assistir aos ensaios de canto polifónico e, — o que é para imitar — também ali se aprende canto gregoriano.

Para fomentar a vida paroquial, o ensino da Catequese é ministrado na igreja da freguesia.

Exemplo vivo de quanto pode fazer a A. C., quando é servida por almas ardentes e generosas, é o da secção da Prê-J. A. C. de Afife.

EM AFIFE — ...faziam cair sobre os visitantes sorrisos e flores...



BRAGA

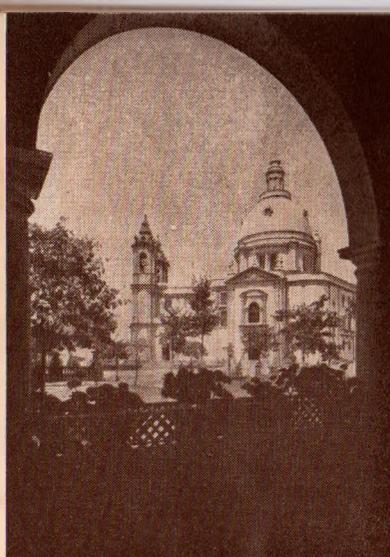
Cormariae

A primeira ideia de associação, foi lançada entre as 100 antigas alunas presentes à inauguração da capela do novo Colégio, a 24 de Fevereiro de 1949.

São já numerosas as inscrições, mas a distribuição dos cargos ficou marcada para o dia 8 de Dezembro de 1950.

Entre os nomes das «Antigas», já inscritas na Associação, lá estão, a recordar tempos saudosos, as alunas do Colégio do Campo da Vinha, D. Maria da Conceição Fontes e D. Carlota de Sande e Castro; e as do Colégio de Tuy, D. Adelina Pereira Vilela e D. Madalena Creissac.

Um número consolador de associadas tomou parte no retiro anual.



Lá do alto do Seu monte, a Senhora do Sameiro vela pelas filhas...

Protestante, ontem... hoje... Católica.

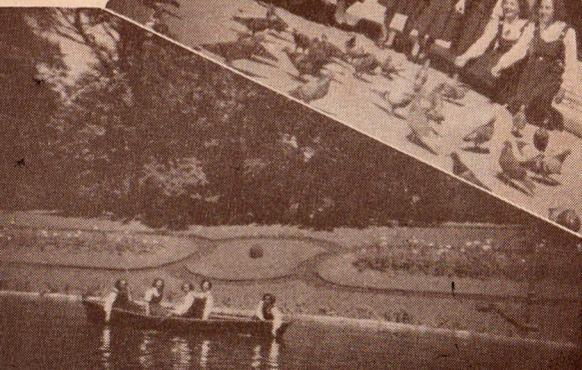
No dia 5 de Junho de 1949, foi baptizada, na Capela do Colégio, a aluna Serena Mouths, de 15 anos de idade, que se convertera do protestantismo. Sua mãe, Vera Mouths, igualmente protestante, seguiu com todo o respeito e interesse o cerimonial do Baptismo.

A Capela Nova

Em comemoração do centenário da fundação do Instituto, foi escolhido o dia 24 de Fevereiro de 1949 para a inauguração da grande e linda Capela do Colégio novo.

Presidiu à solenidade S. Ex.^a Rev.^a o Senhor Arcebispo Primaz, acolitado pelo Cabido da Sé.

O Rev. P. Maurício dos Santos, num sermão magistral de ideias e



de forma, comoveu e arrebatou a assistência.

Estiveram presentes altas individualidades, antigas alunas, benfeitores e pais de alunas actuais. A todos foi servido um «copo de água», a que se seguiu a representação duma peça, cheia de delicioso simbolismo, alusiva à fundação e actividade do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Era uma vez um grilo...

Setembro, ao cair da tarde...

Na estação de S. Bento, no Porto, uma rapariga entra, desconfiada, para o comboio que ia levá-la a Braga. Senta-se, pensativa, preocupada com o resultado do exame de admissão à Escola Normal e o ambiente que a esperava no «Lar» onde ia hospedar-se.

A viagem foi boa. Ei-la na cidade de Braga — a «Roma Portuguesa» — e, às 7 horas da tarde, no «Lar». Espêndida a recepção, o ambiente de boa e franca camaradagem. Entre as 38 pensionistas, teve a sorte de encontrar duas condiscípulas do tempo colegial.

Dentro em breve, as 15 finalistas e as 16 novatas entendiam-se maravilhosamente, sempre unidas nas horas de oração, nas actividades apostólicas e nas horas de folguedo.

Além das 31 normalistas, havia outras estudantes. A maioria frequentava diariamente a Capela do Colégio e, à noite, na sala de estudo, rezava-se o terço, em família.

A noite era a ocasião mais propícia para as *partidinhas*. Quantas vezes ela experimentou, ao deitar-se, a dramática sensação de quem ia a cair num precipício... — os ferros da cama tinham desaparecido!!

Um belo dia levaram um grilo para o «Lar».



*Sob as latadas estuda-se bem,
em véspera de exame...*

Com que alegria foi recebido. De noite, deliciava a estudantada com *maraviosos* concertos; de dia, alegrava-as com as suas evoluções graciosas.

Mas o espirito da gente nova, sempre inquieto em busca de novos meios de expandir a sua alegria exuberante, lembrou-se de o banquetear lamente.

Inesquecível dia!

Pão, queijo, doces, vinhos espumantes, nada faltou.

Mas o grilo insatisfeito — ingrato bicho!... — resolve abandonar a vida...

Foi luto geral na casa!

Fez-se-lhe com pompa o funeral. E, após o jantar, ao lusco-fusco, o orfeão do «Lar» entoou lúgubre canção de saudade...

Chegaram as férias. E a que, meses antes, entrava desconfiada para o comboio que ia levá-la a Braga, hoje recorda cheia de saudades, a sua estadia no «Lar».

(Das notas duma «antiga» do «Lar» de Braga).



Nasceu o Colégio à sombra da velha catedral, e lá foi vivendo até se sentir com forças para trepar a colina e...

Cormariae

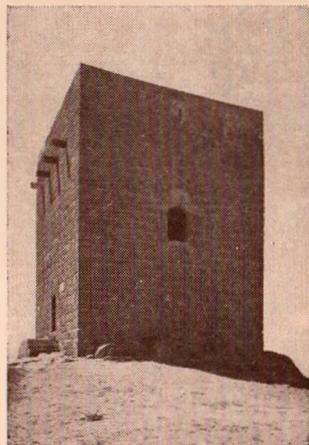
A associação das antigas alunas não foi ainda fundada oficialmente, por se aguardar, para isso, a transferência para o novo Colégio, efectuada só em Abril do ano de 1950. Contudo, desde os primeiros anos da fundação desta Casa, tem-se feito a reunião das antigas alunas, no dia 8 de Dezembro, com animadora concorrência.

De entre as antigas alunas, 22 já, hoje são religiosas em vários Institutos.

Muitas outras dão-se a um apostolado activo no século. O maior número, porém — óptimas mães de família —, é no próprio lar que exercem o seu apostolado, dando-nos a esperança duma geração renovada no espírito cristão.

A paisagem é austera. O Dever também... mas, depois dele cumprido, que bom que é brincar por entre as giestas da quinta!

GUARDA



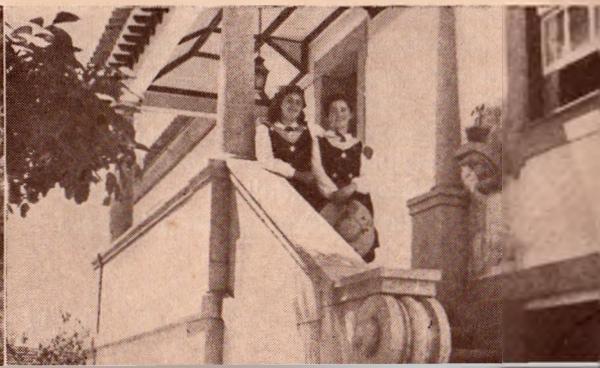
...ir aninhar o seu novo e vasto edifício à vista das seteiras do castelo!

O que o berço dá...

Tem dois para três anos o miudito. A mãe ensina-lhe como lhe ensinaram no colégio; ele, como a mãe o ensina, à noite, antes de se meter na caminha, faz o boneco ajoelhar, benzer-se e pôr as mãos... E vão encontrá-lo a rezar com ele as mesmas orações que a mãe lhe costuma fazer rezar!

O que o berço dá...

Do colégio passam para o Lar, se as tentar o nobre labor do magistério primário.





AVEIRO



Aveiro — a Veneza Lusitana — convida as alunas, pela voz do seu apostólico Prelado, a fazer-se: «Ao largo!»

Cormariae

No dia 8 de Dezembro de 1949, reuniram-se uma vez mais, no Colégio, as antigas alunas.

Depois das cerimónias religiosas serviu-se o chá, que foi muito animado. Sentiam-se tão felizes (lia-se-lhes nos rostos!) por se tornarem a ver sob o tecto do seu Colégio. Solteiras, algumas; outras, já casadas e com o lar bem povoadinho, todas voltaram a ser crianças neste dia. Parecia-lhes que as horas passavam mais rápidas do que nos outros dias e não lhes deixavam expandir todas as recordações dum Passado... sempre Presente!

Sede de Graça...

O calor era ardente e a sede abra-sava. À porta do Colégio do Sagrado Coração de Maria, de Aveiro, vem bater uma almita, ainda mais sedenta

de água da Vida. Andava no Liceu e não era cristã. Mas não pode esperar mais:

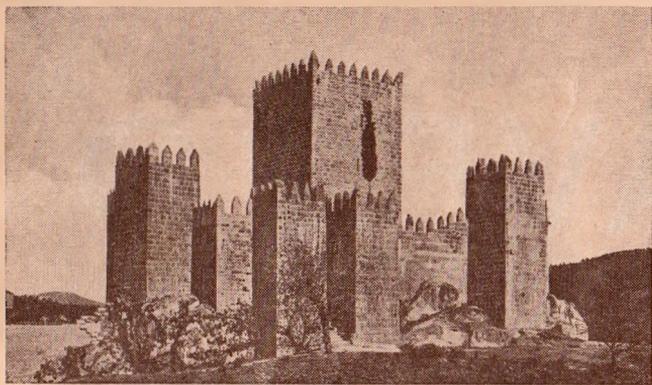
— Quero ser filha de Deus! — e chora...

Alguém, que, no seu ministério, descobrira a pobre pequena, — só de desejos era rica! — depois de várias instruções acerca dos Sacramentos, faz descer, enfim, sobre esta alma sequiosa, a água vivificante da Graça.

— Agora, sou filha de Deus! — e chora... mas estas lágrimas são de paz, de felicidade, de alegria!

*Alunas no «Dia Diocesano» da J.C.F.
A bailar também se serve a A. C....*





Lá em cima, o velho Castelo anima às pelejas da vida.

Guimarães

Cormariae

Fundou-se, neste Colégio, a Associação das Antigas Alunas, a 8 de Dezembro de 1949, ficando inscritas quarenta e, na Direcção:

M.^a Manuela Loureiro Moreira —
Presidente;

M.^a Margarida Freitas do Amaral
Lobo Machado — Secretária;



Das janelas do solar de «Vila Pouca», a vista é extensa e linda.

M.^a Olívia Almeida Ribeiro — Te-
soureira.

Das actividades previstas no Regu-
lamento, realizou-se um retiro fe-
chado.



Obras sociais

Não são estranhas ao apostolado das Religiosas do S. C. de Maria as obras sociais. Em Guimarães, por exemplo, falam bem alto os casos interessantes e vivos das pequenitas do *Patronato* e das criadas da *Obra de Santa Zita*.

O Jesus não quer !

Anda no Patronato, com mais quarenta crianças, e é das mais pequeninas.

Certo dia, a Irmã que lhes dá o catecismo, explicava o mandamento da Lei de Deus *amar ao próximo como a nós mesmos*, frisando bem:

— Olhem que é não chamar nomes, não falar mal de ninguém, *não pegar ao barulho*.

A miúda fixava a Irmã como quem estava a interessar-se por aquilo a valer.

— Beatriz, tu também chamas nomes?

— *Tchamo!*...

— E gostavas que tos chamassem?

— Não...

A lição acaba.

Passados dias, vem a mãe da Beatriz falar com a Irmã e logo a conversa se desvia para a pequena.

— Olhe, Irmãzinha, as suas lições não caem no chão. Quer saber uma da minha filha? Há dias *peguei-me* com uma vizinha. Palavra puxa palavra, estava já fora de mim e quase a passar a factos. Nisto a miúda agarra-se à minha saia e toca a empur-

rar-me para dentro com quanta força tinha:

— Mãe, ralhar não; ralhar não! O Jesus não quer!

Quase envergonhada, entrei e disse à pequena, fingindo-me zangada (porque a maior fúria já tinha passado):

— Que tens tu com a minha vida?! Que quer dizer isso?

— É que a Irmã *dix*e que é preciso *amar ao próximo* e não ralhar nem chamar nomes!

— A lição serviu-me, — acrescenta a mãe, ingenuamente. — Agora, procuro levar as coisas a bem e a minha vizinha faz o mesmo.

E aí está como uma apóstolazinha de 4 anos conseguiu o que muitos grandes não conseguiriam: meter a paz entre vizinhos!

Obra de S.^{ta} Zita

O núcleo de Guimarães tem as suas reuniões todos os domingos, nas suas horas de folga.

Costura, leitura, escrita, religião — de tudo aprendem um pouco.

Numa cidade pequena como Guimarães, ter 70 criadas inscritas na «Obra» é sintoma dos mais consoladores e prova evidente do interesse que esta lhe merece.

Comove o espirito de caridade que reina entre elas. Adoece a l g u m a ? Logo todas se quotizam para lhe valer. E, se acaso não chega o que entre si recolhem, aumentam o mérito da sua caridade indo pedir, de porta em porta, para a companheira doente.

CORMARIAE desejará ser o traço de união e o noticiário das «Antigas» do S. C. de Maria, relatando, em cada número, os acontecimentos que, durante o ano, marcaram uma bênção especial de Deus sobre a sua família, tais como: casamento, nascimento de seus filhos, entrada para a vida religiosa. Roga, pois, às queridas «Antigas» que enviem os dados necessários para os seus Colégios e Lares, até 15 de Outubro de 1951. Por falta desses dados, não se publica, este ano, essa secção.



L I S B O A

Real, real por Maria Rainha de Portugal!!

Assim A aclamaram no dia 31 de Maio de 1950 as alunas do Colégio de Lisboa — 700 corações juvenis a vibrar de entusiasmo — na solene festa da Coroação de Nossa Senhora.

E a palavra eloquente do Prêgador, a harmonia das vozes moças, o som argentino das campainhas, o acenar dos lenços brancos, até a cândida homenagem das pombinhas, pois a n d o aos pés e na mão da Senhora, tudo cantava, a seu modo, os louvores da Virgem coroada.

*

Oiro, pedras, jóias valiosas, andaram as alunas — das mais pequeninas às maiores — a juntar com amor, durante a novena da Imaculada, para a coroa que ofertaram à imagem do S. Coração de Maria, Padroeira do seu colégio.

*

São já tradicionais as «Tardes de Caridade», organizadas em benefício das obras missionárias e de caridade auxiliadas pelo Colégio.

Cormariae

No dia 8 de Dezembro de 1949, reuniram-se 62 ex-alunas que assistiram, de manhã, à Missa cantada, tomando parte, à tarde, numa sessão presidida pela Rev.^{da} Madre Provincial, acompanhada pela Madre Superiora, e mais Religiosas. Fez-se a leitura e explicação dos Estatutos, com a nomeação das Sócias Honorárias e Membros do Conselho.

Seguiu-se a inscrição de todas as Associadas, sendo aclamadas com uma vibrante salva de palmas as antigas alunas de Viseu, que sempre se têm distinguido pela sua grande dedicação ao Instituto. No fim desta reunião, houve um chá de confraternização e uma «Academia» em honra da Imaculada Conceição.

Ficaram assim distribuídos os cargos:

1.º Assistente: Madre Inês de Jesus Teixeira — Superiora Provincial; 2.º Assistente: Madre Maria Gabriel Morais — Superiora Local; Presidente: Viscondessa de Rio Torto; Vice-Presidente: Maria Isabel de Azeredo Fernandes Basto; 1.ª Secretária: Maria Geada Correia Marques; 2.ª Secretária: Natália Oliveira de Medeiros Ferreira; 1.ª Tesoureira: Fernanda

Bernardette Figueiredo; 2.ª Tesoureira: Maria Isabel Correia Alves — R. I. P.; Sócias Honorárias: Diamantina Oliveira de Medeiros Ferreira e Matutina Barata Feyo.

O meu menino...

Tem 7 anos e anda no Colégio de Lisboa. Via a pobre Mãe tão desolada pela perda do filhinho que lhe tinha voado ao Céu que, um dia, rompeu nesta exclamação:

— Ai, minha Mãezinha, se Nosso Senhor me arranjasse um menino, eu dava-lho para a consolar!!

Entretanto, prepara-se para a Primeira Comunhão e ouve o sacerdote dizer às criancinhas que Nosso Senhor não lhes podia recusar nada do que lhes pedissem naquele dia:

— Que bom! E logo, na sua cabecinha, nasce uma ideia.

Quando Jesus Eucaristia desceu pela vez primeira àquela almita inocente, ouviu uma súplica cheia de fé e de candura.

Dali a nove meses, o Céu enviava um anjinho para enxugar as lágrimas da Mãe e substituir o que ela tinha perdido.

E agora, a pequenina colegial, muito encantada com o irmãozinho arrancado ao Menino Jesus, diz a toda a gente:

— É o meu menino!

A VIDA

*Brinca o menino e ri despreocupado
Sorrindo às flores, às árvores, aos brinquedos.
Pensa — mas o seu Reino é o Sonho.
E o casal olha o bebê, enlevado.
Fala-lhe do Mundo, escuta-lhe os segredos
E murmura baixinho: «É meu! Só meu!».*

*E a casa é uma alegria imensa.
E o sol tem uma luz intensa
Porque o menino — é a Vida!...*

Maria Amélia (Lisboa — «Lar»)



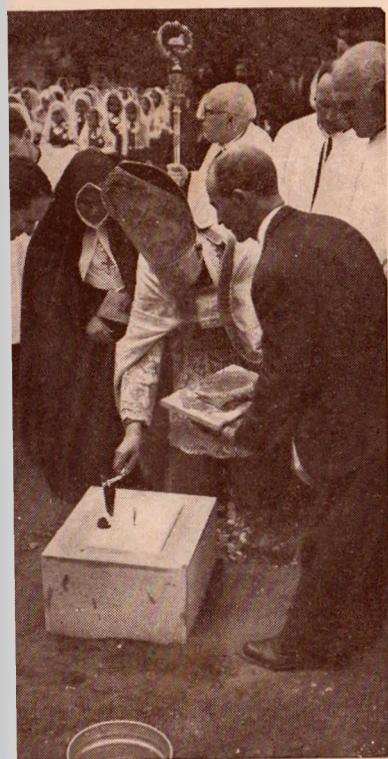
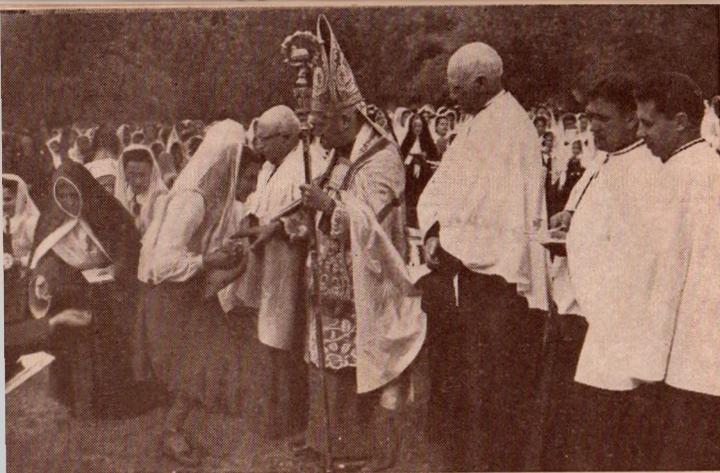
O Instituto do Sagrado Coração de Maria em Fátima

Peregrinação Centenária



Na Cova da Iria — «Altar do Mundo» — viveram horas inesquecíveis de emoção religiosa e de espírito de família, as religiosas da Província Portuguesa, as alunas — antigas e actuais — com suas famílias, e os amigos do Instituto, que tomaram parte na grande *Peregrinação do Ano Centenário*.

O que foi essa magnífica jornada *Cordimariana* disse-o a pena brilhante e comovida de Correia Marques, numa série de reportagens para o seu jornal A VOZ; disse-o



Nessa hora alta é lançada a primeira pedra...

De todas as casas da «Provincia» vem um punhado de Terra que despejam num afago em volta da pedra branquinha....

detalhada e vividamente o P. Miguel de Oliveira, nas colunas de «NOVIDADES»; disse-o, ainda, em primoroso artigo a vibrar de sensibilidade religiosa e feminina, a Irmã Maria do Carmo, das religiosas de N. S.^a das Dores, de Fátima, na sua revista STELLA; e vão dizê-lo também as gravuras de várias páginas de *Cornariae*. E, contudo, muito ficará por dizer e todos os que lá foram — seriam 4.000 Peregrinos? — bem sabem que a profundíssima impressão que aqueles dois dias gravaram no seu espírito nunca mais se apagará.

A devoção e a imponência das cerimónias religiosas; a perfeição e unção expressiva do canto litúrgico; a animação e entusiasmo dos Peregrinos, foram as notas marcantes da Peregrinação Centenária.

Houve muito quem não pudesse conter as lágrimas, ao presenciar as expansões tão fraternalmente espontâneas de Religiosas que há longos anos se não viam; a alegria transbordante de Antigas Alunas, ao reverem Mestras queridas — algumas após 30 e mais anos de ausência —; a consolação dessas Mestras ao abraçarem as suas queridas *Meninas* — tantas delas já mães e avós! Imbuídos, porventura, daquele vulgar preconceito de que, nos Colégios Religiosos, a educação é assente sobre uma base de rígida e austera disciplina, que exclue dos seus métodos a compreensão e o amor, nunca tinham suposto que lá se pudessem criar laços tão apertados que nem os mais fortes abalos da vida, nem as mais longas distâncias conseguissem quebrá-los!

Com palavras de carinho o Senhor Bispo de Leiria insta para que apressem a obra, porque «quer vir benzer a CASA NOVA». Essa hora vai soar...

DUAS PEDRAS UNGIDAS

A Benção e lançamento da 1.^a Pedra da Casa de Fátima — sonho acarinhado pela anterior Provincial, Rev. Madre Maria Tavier Twomey — teve a aventura de o realizar a actual Provincial, Rev. Madre Inês de Jesus Soares Teixeira.

Pelas nove e meia do dia 1 de Junho de 1948, numa daquelas manhãs luminosas e puras como parece que só as há na bendita terra de Fátima, concentraram-se junto aos portões do Santuário os Peregrinos que iam assistir à Benção e lançamento da primeira pedra do novo solar do Sagrado Coração de Maria. «A mesma visão da véspera — diz uma



A Maria José Lencastre falando em nome das «Antigas», disse: — «Ser-me-ia sempre fácil encontrar sobejos motivos de gratidão; em qualquer altura, viriam, prontamente, à tona da lembrança, gestos plenos de alma, a vincular mais ainda gratos liames e a dourar de enternecida saudade essa página já volvida dos «Tempos do Colégio». ... Hoje faço-o com dobrada alegria filha de gratidão fundíssima por a quem, depois de Deus e de meus Pais, devo o melhor do pouco que valho.



testemunha» — o desfilar de centenas de religiosas — professoras de véu escuro, noviças veladas de branco — e de milhares de senhoras e raparigas, suas alunas de ontem e de hoje. Uma brisa acariciadora agita bandeiras seguras por mãos juvenis, já trémulas de ventura. A massa coleante ondeia estrada fora.

A cerca de 200 metros do pórtico do Santuário, numa elevação sobranceira à estrada distrital Fátima-Leiria, está a meta do singular cortejo.

Chegam os convidados de honra: três Prelados — de Leiria, de Évora e de Aveiro — dezenas de eminentes sacerdotes e seculares, escritores, médicos, engenheiros — um mundo de cultores da ciência, das letras e das artes.

Respira-se um ar festivo em volta da escavação onde repousa uma cantaria esquadrada que todos miram com carinho.

Tudo fora previsto para que esta concentração revestisse o mais impressionante esplendor.

Filmadores e fotógrafos andam num rodopio. Ouve-se o «zum-bido» dos aparelhos que «arquivam» imagens — todo o pormenor dessa hora alta em que é lançada a primeira pedra para a construção da Casa das Religiosas do Sagrado Coração de Maria junto do Santuário de Fátima.

De todas as casas da Província — são treze na hora actual — vem um punhado de terra que despejam num afago em volta da pedra branquinha.

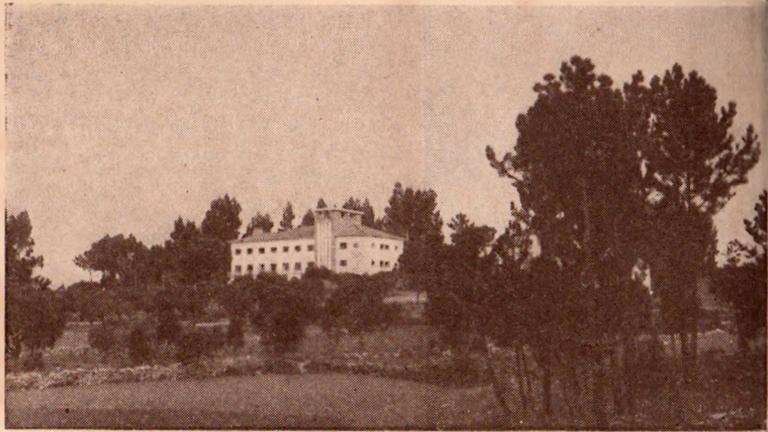
Entoado o «Hino Pontifício» o senhor Arcebispo de Évora procede à benção solene.

Uma antiga aluna, Dr.^a D. Maria José de Lencastre, fala em nome de todas as outras que, como ela, devem às beneméritas Religiosas do Sagrado Coração de Maria «falas de amor que impellem a pedir». O Rev. P. Costa Maia lê um trabalho cheio de erudição e poesia que todos escutam suspensos, visivelmente deliciados. Por fim o Sr. Bispo de Leiria, com palavras repassadas de carinho diz à Rev.^a Madre Provincial que apresse a construção, pois deseja vir benzer o edifício...

Antes desta tocante cerimónia — imediatamente seguida de Missa solene, benção dos doentes, consagração da Província Por-

O Rev. P. Costa Maia — dedicado Capelão do Colégio do Porto — Berço do Instituto em Portugal — falou no entusiasmo que o Centenário e a Peregrinação despertara nas «Antigas» — entusiasmo traduzido no grande número de Peregrinos e nas centenas e centenas de cartas e telegramas recebidos de tantas a quem fora impossível afirmar a sua presença pessoal nesta romagem. E rematou, com estas palavras, a sua formosa exortação: — «Já sois muitas; mas todas cabem no santuário íntimo destas boas religiosas, porque os seus corações são modelados por um outro no qual tem cabimento o mundo inteiro: O Sagrado Coração de Maria!»

A cerca de 200 metros do pórtico do Santuário, numa elevação sobranceira à estrada de Fátima-Leiria, ergue-se a Casa Nova...



tuguesa e de todo o Instituto, ao Imaculado Coração de Maria e procissão do «adeus» — ecoou pela charneca, vibrante, sentido, um coro falado:

Duas Pedras Ungidas

*«Peregrinos do Coração de Maria,
Presentes em Fátima.
Volvei um olhar 100 anos atrás:
Olhai ao longe...
.....
«Pedra» unvida,*

*Padre Cailhac, fundador do Instituto
Das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.*

*.....
As nossas mãos portuguesas erguidas ao Céu,
nesta hora de Acção de Graças,
Lançam na terra bendita da Cova da Iria
A «Pedra» de uma nova construção,
Como marco miliário
Desta data gloriosa.*

*E o Padre Gailhac, lá no Céu,
Poisando os olhos na pedra fria
E beijando-lhe a dureza.
Vai sorrindo já ao belo edificio
Que será o trono do Coração de Maria,
Altar predilecto da Pátria Portuguesa».*

*Na fachada lá estão as
armas e o nome: Ins-
tituto do Sagrado Cora-
ção de Maria.*





A
Minha
Candeia

A luz que acendeste um dia,
Senhor, na minha candeia,
Foi crescendo e fez-se em mim
Um fogo que arde sem fim
E que toda me incendeia.
Que essa chama brilhe e arda
Sem cessar!
Que ela consuma e desgaste
A minha vida, em louvor
De Deus, vida verdadeira,
Para que ardendo se gaste,
Mas se gaste toda inteira
E para sempre, Senhor!

M. C. de J.
(R. S. C. M.)

O Caminho
da Minha Vida

O caminho da minha vida
Está tão só, está tão nu!
Nele só paira, escondida,
Uma «Presença»
Que és Tu!

O caminho da minha vida
É tão longo... Mal tem fim!
Ai, como hei-de percorrê-lo
Sem ninguém junto de mim?

Mas o caminho da vida
É um instante, afinal...
Quanto mais só e mais triste,
Quanto mais longo e mais nu,
Mais vai morrendo o que é meu,
Mais vais ficando
Só Tu!

M. C. de J.
(R. S. C. M.)

A
fala
da alma

A fala d'alma calou-se;
Já não fala.
A fala d'alma
Fugiu de mim; ocultou-se
Do pó, do nada que eu sou.
Brada por ela meu corpo
— Meu corpo, um corpo já morto —
Que não sente e que não vive,
Cinza que um sopro levou;
Formas dum corpo que tive
— Dum corpo que já não sou — ;
Gota d'água — água de luz —
Que num fogo de loucura
Se apagou.

E grita, e geme meu ser
E luta, mas sem vencer!
É tarde! É tarde!
... E afastou-se
A fala d'alma...

A voz da Graça calou-se!

... E a fala da alma falou.

Quis um milagre dos Céus
Que essa voz, por ser de Deus,
De novo se reunisse
«Ao pó, ao nada que eu sou».
Gentes! O que essa voz dissell...

.....

A fala d'alma falou!...
E todo meu ser, fremente,
Num grito:
«Senhor! Eu vou!».

Maria da Graça
(«Antiga» de Lisboa)

MANTER aceso o facho das tradições académicas, nesta buliçosa e cosmopolita cidade de Lisboa, onde as Faculdades estão dispersas por sete colinas e onde todos os dias aparecem, a tentar-nos, mil coisas aliciantes, toca quase pelas raias do impossível!

E, por isso, a estudante lisboeta — regra geral — prova mais do cálice de amarguras, comum a todas as que frequentam os bancos de alguma escola (chamadas infelizes, torturas de exame, etc...), do que do cálice de doçuras que lhe proporcionaria um meio genuinamente académico como o de Coimbra ou o de Oxford.

Em todo o caso — porque na gente moça há sempre incontáveis recursos de alegria e de boa disposição —, também nesta grande Lisboa há possibilidades de boa camaradagem com colegas, e de interessante intercâmbio escolar. De vez em quando, lá vêm uns convites para sessões de cinema, concertos de órfeão, ou de «Jazz», conferências, desafios de «futebol universitário»... A festa dos caloiros, ao princípio do ano; a récita dos finalistas, no 3.º período; a bênção das pastas, no termo do curso, são tradições que se mantêm vivas no meio universitário lisboeta.

E o que é uma «verdade reconhecida por tal»: em Lisboa estuda-se — e muito —, não obstante a falta de ambiente académico e estar a cidade convertida em desembarcador de naves aéreas e marítimas, desde que escolheram esta «ocidental praia lusitana» para «rendez-vous» mundial!

A primeira vista, o nosso «Lar» da Rua de S. Bento — uma das mais barulhentas e movimentadas da Capital — não parecerá muito apropriado para Casa de Estudantes mas a nossa gente acha-o... fantástico!

As Faculdades mais frequentadas pelo elemento feminino ficam «perto e bom caminho» (quantos 5 tostões poupados em eléctricos que irão ser comidos em pastéis na «Âncora», no Rato, ou nalguma pastelaria «chic» na Baixa!).

É a primeira vantagem.

O estudo faz-se suavemente e com menor dispêndio de fósforo, embalado pelos



Universitárias nos Lares do

harmoniosos pregões da mulher da «favarica» e da «viva da costa», do homem dos «farr...rrapos» ou das «quentes e boas» (são as nossas serenatas... diurnas, à falta das nocturnas!).

É a segunda vantagem.

Dentro de portas, temos o que uma estudante mais aprecia: ambiente de família, a ampará-la na nova vida, a temperar as saudades daquele outro lar onde ficaram os que lhe são queridos.

É a terceira vantagem.

Ninguém diga depois disto (as aparências, por vezes, iludem...) que a estudante de Lisboa não é... cem por cento académica! É que cada um vale pelos valores que traz dentro de si.

«Uma» de
LISBOA





Maio. A metamorfose há tanto esperada realiza-se enfim, e uma flor de papel, presa ao vestido, vem afirmar que a caloirice passou.

Novo ano. A mudança continua, e agora, à pasta acarinhada como um bébé, vem prender-se um grelo.

Por fim... umas fitas vaidosamente esvoaçam da pasta, numa fuga teimosa à estreiteza da realidade.

Esvoaçam e... acabam por desaparecer.

Coimbra universitária é assim mesmo.

Degraus que se sobem para a Vida adentro da própria vida. Porventura nem sempre alcatifados de veludo.

Lado a lado com o deslumbramento que até mesmo nos espíritos superiores produz a posse dum as fitas, a poesia duma serenata ouvida no silêncio discreto da noite... as cólicas dum exame...

Os pequenos grandes nadas que o dia a dia vai trazendo...

Não fosse ela assim, e não seria a vida, mas um artificialismo fantástico, sem consistência nem realidade.

Mas a vida da universitária não é só a Universidade, nem a convivência nas horas vagas com colegas e amigos. Ela precisa de ter o seu lar.

E aqui, Coimbra foi para mim, um cantinho acolhedor, em que as paredes velhas do solar da Rua dos Coutinhos conseguiram irradiar calor que aquecesse um quartito de estudante, guarnecido de chitas garridas.

Coimbra é, no devir contínuo da existência, a imagem mais palpável duma estabilidade que permanece:

o Mondego que corre — espelho da mocidade irreverente que, nada tendo, tudo julga possuir, porque é jovem...

a Torre, onde a Cabra despoticamente dita o horário da vida estudantil...

a Sé Velha, cujas ameias de castelo medieval parecem querer servir de baluarte à cidade...

a Santa Rainha, a velar lá do seu trono, da outra banda do rio, pela terra cujas pedras os seus passos tornaram sagradas...

Coimbra foi para mim... o que foi e será para todos aqueles que a vivem: «beleza sempre antiga e sempre nova».

Sagrado Coração de Maria

A OS olhos profanos do turista, Coimbra aparece cidade encantadora e original. Pode até a uma concepção burguesa, aparecer aldeia em ponto grande, que a civilização mal bafejou ainda.

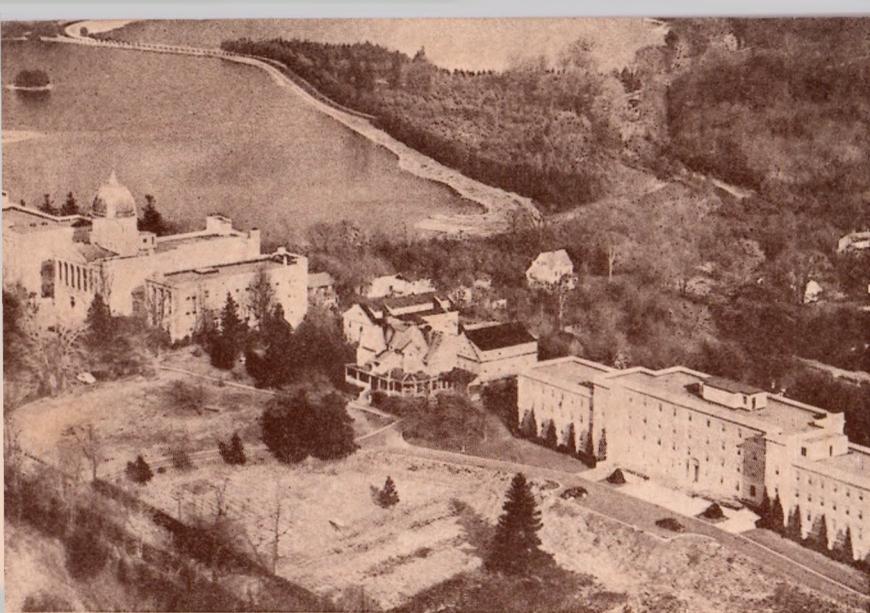
Para aqueles que viveram em Coimbra, e sobretudo para os que viveram Coimbra, ela é diferente. Tem os seus segredos que só a esses revela.

COIMBRA FOI PARA MIM...

Outubro. Um a caloirice que chega. Sonhos, projectos, medo da implacável praxe que a espera... de tudo foi feito este 1.º ano.

«Uma» de
COIMBRA

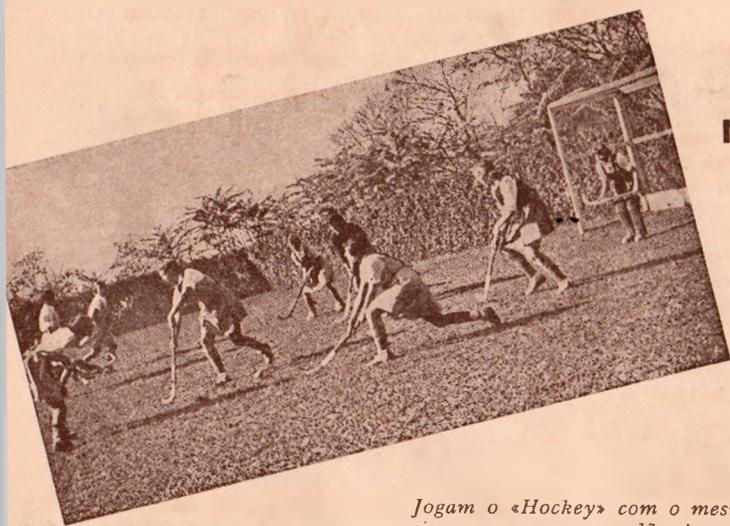




Marymount — N. Iorque — Vista aérea

UNIVERSITÁRIAS

na AMÉRICA



Jogam o «Hockey» com o mesmo entusiasmo com que se dão à música, ao estudo



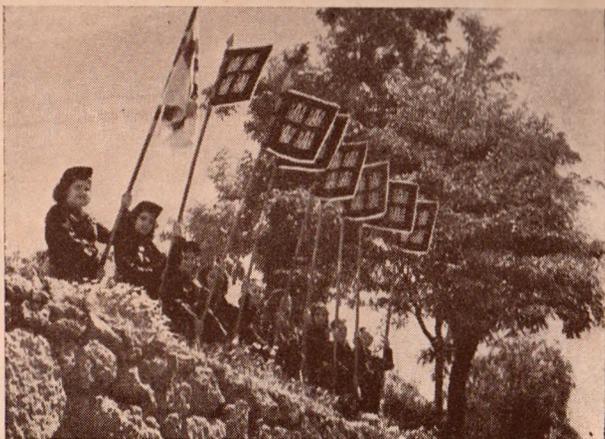
e a os seus deveres religiosos



LUTAR...

para

VIVER!



«Dêem-lhes (às alunas) princípios verdadeiros e uma visão nobre e larga da vida; ensinem-lhes coisas pelas quais valha a pena lutar».

Rev.^{da} Madre Maria José Butler

ESTAMOS fartos de ouvir dizer que toda a vida é uma luta. Só os fortes levantam os seus gládios vitoriosamente. E assim como na vida, necessariamente, há apenas dois campos — o dos vencedores e o dos vencidos —, importa sobremaneira escolher e alinhar nas legiões vitoriosas.

Há todo um programa de milícia cristã nas palavras do Divino Mestre: — «Não vim trazer a paz, mas a guerra». Não lutar, já é ser derrotado. Não continuar um movimento de ataque é ceder campo aos inimigos. Cruzar os braços então é, sob o ponto de vista sobrenatural, abraçar-se com a derrota, sem batalha».

Lúcida e compreendeu essa alma admirável de religiosa e educadora quando, à guisa de programa, aconselhava as suas religiosas com as palavras que tomámos como epígrafe deste minúsculo artigo. «Ensinem-lhe coisas pelas quais valha a pena lutar».

BANDEIRA — SÍMBOLO DE VALORES SAGRADOS !

Nos combates terrenos levanta-se nos postos de ataque, tremula no meio dos soldados em refrega, a bandeira — símbolo daqueles valores sagrados que andam vivos no coração de cada lutador. Luta-se por tudo aquilo que a bandeira significa e cada qual vê nela o objectivo estremecido dos seus melhores sentimen-

tos. Nela se condensam os motivos e se reúnem as esperanças dos duros trabalhos da guerra. Pois na vida espiritual que se cifra numa luta pelo que é melhor, num esforço de renovação contínua e interior, necessitamos também de erguer uma bandeira e insculpir nela, a letras doiradas, os nossos ideais.

Um poeta português que se deixou desgraçadamente derrotar nos seus combates íntimos, escreveu um dia este verso mágico, sóbrio e denso de sentido: — «Tudo vale a pena se a alma não é pequena». Se «tivermos uma visão nobre e larga da vida», ela merece todos os nossos sacrifícios. E a nossa visão da vida só será larga se abranger o além da própria vida, se distinguir aqueles valores que se repercutem na salvação e os enquadrar sem os mutilar no condicionalismo humano em que nos encontramos.

NÃO SE VIVE, É-SE VIVIDO...

É frequente formarem-se, na adolescência, generosos propósitos de manter intransigentemente alta, ileso e responsável a vida espiritual; de ser fiel ao cumprimento dos deveres que ela impõe. Mas depois... a força morta do meio ambiente onde tais deveres se desconhecem vai cansando aquele primeiro esforço, os propósitos evaporam-se e a alma assemelha-se às águas túbias dum lago, obedientes a todas as brisas. E vêm então aos lábios as palavras cobar-des: — não vale a pena. Isto quer dizer que se é lutador sem bandeira, triste demissionário sem ideais. Não se vive, é-se

(Continua na pág. 48)



DEGRAUS *duma* VOCAÇÃO

Profissão

P. GAILHAC

Vestição



I

QUANDO uma alma é predestinada pelo Senhor para ser esposa de Jesus Cristo, Ele inspira-lhe — logo na infância, ou em idade mais avançada — uma Fé viva, uma Esperança firme, um Amor ardente.

Se é fiel às graças recebidas, a divina luz fá-la ver duas coisas:

O Céu,
a Terra.

A beleza do Céu e a felicidade dos que o habitam; o nada da terra e a brevidade de quanto nela se goza.

Se aprofunda este duplo pensamento, Deus ilumina-a ainda mais com a Sua claridade. E, então, vê o Mundo, a corrupção e os perigos que lá se correm, para a salvação eterna.

Vê o estado religioso, a paz — antegosto das delícias eternas — e as facilidades que ali encontraria para salvar a sua alma.

dades que ali encontraria para salvar a sua alma.

Se continua a ser fiel, a Graça sugere-lhe o desejo de dizer adeus ao Mundo para ser toda de Deus.

É o 1.º degrau do estado religioso:

A VOCAÇÃO

II

NÃO basta ter encontrado oiro, depois de muitas fadigas. Para fazer com ele moedas, adornos, ou obras-primas valiosas, é necessário purificá-lo.

No mundo, a vida de sacrifício e de morte a si própria é quase desconhecida.

Foge-se do que incomoda, desagrada, contraria; vive-se bastante segundo a natureza; procede-se conforme a impressão do momento. Ora a Vocação Religiosa é oiro mais precioso e mais raro do que todo o oiro do mundo: é... oiro do Céu! Importa, portanto, que a alma se purifique do que tem de terrestre, de natural, de humano.

Esta purificação é o trabalho próprio do 2.º degrau da Vocação:

POSTULANTADO

Postulantado



Vocação



Se queres... vem!



De degrau em degrau, foi subindo, da «torre» do Colégio de Lisboa à do «Solar» do S. Coração de Maria, em Braga; e, de lá, à «torre» da Universidade de Coimbra...





A caminho de ROMA

Portugal... Roma — princípio e fim da caminhada.

A meio... Béziers — santuário desconhecido para a multidão.

Aqui um conventinho...

Exteriormente, nada de especial que faça adivinhar a sua presença. Nem a arte nem a poesia dum cláustro medievo...

Lá dentro, repleto de almas, e nos alicerces, cimentando-os fortemente, um túmulo...

De quem? — Apenas dum cristão que em nossos dias — soube sê-lo...

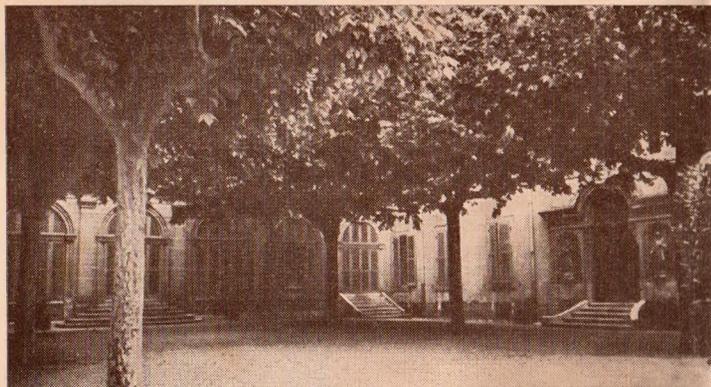
Se «christianus alter Christus» — que melhor sinónimo de santidade do que este cristão?

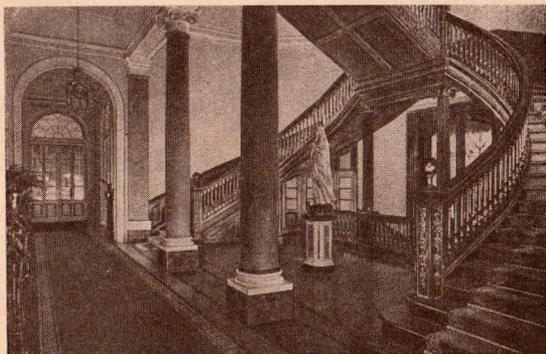
.....



Como outrora, antes de ROMA ser baptizada no sangue de Pedro e de Paulo, por Réziers se vai à Cidade Eterna.

Aqui viveu Alguém que disse: Quero ser Padre só para Deus e para as almas! E o peregrino quedou-se a meditar...





E, num ambiente acoledor, onde a presença da Pátria distante se torna mais visível a nossos olhos pela ideia amiga dumas bandeirinhas verde-ru- bras a ornamentar a casa de jantar, sente-se vivamente que, se as fron-

teiras são convencionalismo com função meramente histórica e humana, só o Cristianismo é de facto capaz de destruí-las entre os homens e as nações.

A «Peregrina» R. M. A.

*No ano Centenário, alu-
nas de todas as Provin-
cias do Inst.º foram à
Casa-Mãe e a Roma.
A Marquesa R. Pacelli,
Irmã do Papa, reside no
Colégio de Roma.*



No decurso da Missa de Pontifical, celebrada na conclusão do centenário da fundação do Instituto do S. C. de Maria, na Basilica de S.^{to} Aphrodisio, em Béziers, foi lida uma carta de Mons. Fontenelle, Postulador Romano da causa do venerando Padre Gailhac.

Dirigida ao Rev. P. Passama — vice-Postulador da referida causa e zelosíssimo Capelão da Casa-Mãe — essa carta, além dos interessantes pormenores que nos dá acerca dos milagres sujeitos à aprovação da Sagrada Congregação dos Ritos, é para nós — como escreve Mons. Fontenelle —: «o eco dos sentimentos de confiança e de admiração que em Roma se alimentam a respeito dessa bela e santa causa».

1.º MILAGRE (1945) FRANÇA

ABCESSO NA AMIGDALA — CURA DO PADRE FROC, religioso da Imaculada Conceição, Capelão do «Foyer du Sacré-Coeur de Marie», Rennes.

O PADRE GAILHAC ACEITA OS DESAFIOS DUM MÉDICO...

Na manhã de quinta-feira, dia 8 de Fevereiro de 1945, o Padre Froc, um velhinho de 71 anos, capelão dedicado do Lar para estudantes que as R. do S. C. de Maria têm em Rennes, adoeceu gravemente.

Temendo um fleumão da amígdala, o médico assistente aconselha a consulta urgente a um oto-rhino-laringologista.

AGRAVA-SE O ESTADO DO DOENTE

A tarde, o estado agrava-se nitidamente; o Padre Froc vê-se obrigado a deitar-se, sentindo profundo mal-estar; só a custo e com dores engole a saliva, e mexe os queixos com dificuldade.

A febre sobe a 38°,9 (38°,5 na axila), o pulso é regular, mas agitado; o doente está consideravelmente asteniado. As alterações constatadas, de manhã, ao nível da faringe, aumentaram de intensidade.

ROMA VA DO PADRE

Na manhã de sexta-feira, o especialista confirma o diagnóstico, prescreve grandes lavagens da boca por meio de irrigador e prevendo que, apesar deste tratamento, o abcesso inche e necessite duma incisão, recomenda que o avisem se os sintomas, principalmente a disfasia, se agravarem, e se a temperatura, ao mesmo tempo, baixar.

As noites continuam agitadas, a febre persiste (39°,8 de manhã, 38°,9 à noite), as dores acentuadas à deglutição, o mesmo aspecto da faringe. Astenia intensa.

No sábado, o especialista, consultado pelo telefone, aconselha um tratamento de Dagénan (sulfamidas), mas hesita-se por causa da idade do doente e pela impossibilidade de verificar, nesse mesmo dia, a integridade renal.

O DOENTE PÕE UMA RELÍQUIA DO PADRE GAILHAC

No domingo de manhã, a febre subiu ainda: 38,4; a disfasia acentua-se, a prostração é profunda. Por iniciativa da Madre Superiora do Lar o doente põe ao pescoço um lenço que usara o venerando Padre Gailhac, e conserva-o posto até à sua cura.

PRIMEIRO DESAFIO...

Nesse mesmo domingo, ao meio-dia, o médico assistente constata que o estado local se mantém francamente mau, e que, em suma, o estado geral está também muito alterado.

Bastante céptico a respeito da eficácia da relíquia, exclama irónicamente:

— *Então! Padre Gailhac, se tem empenho em convencer-nos do seu poder junto do Senhor, faça com que amanhã de manhã a temperatura esteja normal, mas verdadeiramente normal, isto é: 36°,8!*

Inquieta-se com a marcha da doença, faz ingerir ao doente um primeiro compr-

I FALAR GAILHAC

Marymount, Fête, du S. C. de Marie, 1950.

La Sainte Vierge nous a envoyé son plus beau cadeau pendant ces mois d'août, cadeau qui remplit les coeurs de ses enfants dévoués d'une vive allégresse. Oui, nos coeurs débordent de reconnaissance et de joie à l'annonce de l'ouverture officielle de la cause de Notre Vénééré Fondateur, à Rome, le 12 août, fête de S.^{te} Claire, à 12 heures.

M. GÉRARD R.S.C.M. S.G.

mido de Dagénan, de 0^h50, às 13 horas; e um segundo, às 18 horas. Apesar disso, durante parte da noite, a febre mantém-se a 38°,5.

Depois de uma noite regular, no outro dia, segunda-feira, o Padre Froc constata que o termómetro marca 36°,8. Pasmó! Contudo, os estragos são ainda alarmantes. O lado direito da faringe conserva-se tumefacto e tem a mesma cor vermelho escuro.

SEGUNDO DESAFIO...

O médico, intrigado — mas ainda não convencido — porque julga que a queda da febre é devida aos dois comprimidos de Dagénan, pensa que só uma cura radical dos sinais locais do fleumão seria demonstrativa, e, em voz alta, faz novo pedido, pouco confiante ainda:

— *Padre Gailhac, se deseja verdadeiramente ser beatificado, faça com que, amanhã, a faringe tenha voltado ao seu estado normal. Só isso é que nos convencerá.*

Ele suprime as sulfamidás e outros tratamentos, com exclusão das lavagens por irrigador. De tarde, a temperatura não ultrapassa 37°,4.

Na terça-feira de manhã, a temperatura

E o Postulador Romano acrescenta: «até ao momento em que a Rev.^{ma} Madre Geral solicitou o meu concurso, no mês de Maio de 1947, num primeiro encontro em Mariamonte — essa grande e bela casa da Via Nomentana, à sombra da Basilica de Santa Inês — ignorava tudo do Instituto do S. Coração de Maria e do seu Fundador, o Padre Gailhac. Mas não me foi preciso nem muito tempo nem muita reflexão para me aperceber do tesouro excepcional que constitui esta Congregação, no plano da educação cristã e da devoção a Maria. Por isso depressa aceitei ser o Postulador da causa do Padre Gailhac».

mantém-se normal, 36°,8 e o médico constata, com extrema surpresa, que a faringe está completamente limpa; a cor vermelha e a tumefacção desapareceram, uma resolução perfeita. O gânglio está nitidamente mais pequeno.

Desta vez, já o médico reconhece, de boa vontade, a intervenção do Padre Gailhac!

Chama o seu colega especialista para que constate o facto, sem o prevenir dos métodos empregados; este confessa a sua grande admiração; *nunca viu cura tão rápida e completa*; apesar disso, prevê longa convalescença, por se encontrar o doente muito fraco, visto o abcesso ter abalado duramente o seu organismo, que já não é novo. Há que contar com muitos dias, talvez semanas, até que ele possa recobrar as forças e a actividade normal.

TERCEIRO DESAFIO...

Depois de o ouvir, o médico assistente dirige-se, pela terceira vez, ao Padre Gailhac — mas, desta vez, já o faz com confiança — e, em voz alta, roga-lhe que complete a sua vitória:

— *Padre Gailhac, acabe de curar o nosso Padre Froc e, por favor, faça com que, amanhã, toda a fraqueza tenha desaparecido e ele possa levantar-se sem precisar de convalescença!*

Na quarta-feira, dia 15, o Padre Froc, sentindo-se tão bem disposto como antes da doença, levanta-se sem esforço, cerca do meio-dia e, daí a algumas horas, vai



Estas arrancaram um milagre ao Padre Gailhac

2.º MILAGRE (1947) BRASIL

**MENINGITE CÉREBRO-ESPINHAL —
CURA DE PEDRO VIEIRA PIRES, re-
sidente em PIRAUBA (Minas Gerais).**

O QUE A PENICILINA NÃO CURA, VEM CURÁ-LO O PADRE GAILHAC...

O segundo milagre devido à intervenção do Padre Gailhac, é do mês de Agosto de 1947. Produziu-se na aldeia de Pirauba (Minas Gerais) — Brasil, onde a Congregação do Sagrado Coração de Maria possui estabelecimentos muito florescentes.

Um jovem camponês da região, Pedro Vieira Pires, de 22 anos, sente, de repente, arrepios e grandes dores de cabeça, quando se entretinha a mugir as vacas. Vai para casa e não tem outro remédio senão meter-se na cama.

Chamam à pressa o médico da localidade, que lhe dá, sem resultado, algumas injecções destinadas a acalmar as dores. Impunha-se uma conferência de dois médicos. Estes constataam que o doente sofre de *uma meningite cérebro-espinhal*, e este diagnóstico é logo a seguir confirmado por um exame do liquido, feito num laboratório de bacteriologia. O emprego da penicilina, aplicações de gelo, injecções várias não dão o mínimo resultado e o rapaz entra em coma.

O PADRE GAILHAC ENTRA EM ACÇÃO...

Uma das irmãs do moribundo, aluna do «Sagrado Coração de Maria» na Escola Normal de Ubá, propõe, então, que se faça uma novena ao Padre Gailhac, aplicando a Pedro um pedaço de vestuário que pertencera ao santo Fundador. A mãe do doente começa a novena com toda a confiança, e o filho sente logo um grande alívio. Ainda a novena não estava acabada e já o mal tinha desaparecido!

Alguns dias mais tarde, o Pedro voltava ao seu trabalho, na quinta, e está, actualmente, de perfeita saúde.

Esta cura radical foi certificada a 24 de Setembro de 1947, pelo Dr. Adjalme Carneiro, de Ubá.

dar uma volta pelo parque, sozinho e sem necessidade de amparo, não acusando o mínimo cansaço.

Depois disso, não tornou a ressentir-se deste grande abalo de saúde.

...E O PADRE GAILHAC LEVA A MELHOR!

Foi assim que o Padre Gailhac, por três vezes desafiado, em voz alta e diante de testemunhas, por um médico que, a princípio, estava muito céptico, atendeu com exactidão os termos dos seus pedidos, *curando completamente, e com uma rapidez espantosa, o Padre Froc*, já idoso, e com um estado geral e local gravemente atingidos.

Com efeito, a dose irrisória de sulfamidas, ingerida pelo doente (ao todo, 1 grama) não parece bastar para explicar a resolução rápida e perfeita do abcesso da amígdala, que tendia a encher.

Há, pois, o legitimo direito de concluir que este facto, rigorosamente excepcional, se deve à intervenção sobrenatural do Fundador da Congregação do Sagrado Coração de Maria, invocado, por três vezes, a favor do doente, que trazia consigo, confiadamente, um objecto que tinha pertencido ao Padre Gailhac.

NOTA — Este relatório foi assinado, simultaneamente, pelo médico especialista chamado para examinar o doente, Dr. Le Corre, oto-rino-laringologista de Rennes, e pelo Dr. Neyman, médico que exerce clínica geral na mesma cidade.

3.º MILAGRE (1947) PORTUGAL

MAL DE POTT — CURA DA IRMÃ ERMELINDA PEREIRA, residente na GUARDA.

MOSTRAI QUE QUEREIS O NOSSO FUNDADOR NOS ALTARES!

Uma religiosa do Sagrado Coração de Maria é, finalmente, a feliz beneficiária duma intervenção prodigiosa do Padre Gailhac.

DEZ ANOS DE TORMENTO...

Havia muito tempo que a irmã Ermelinda Pereira sofria de cólicas abdominais, que fizeram diagnosticar uma apendicite crónica. Operada, em 1937, numa clínica do Porto, começou a sentir, pouco depois, grandes dores de carácter intermitente, na coluna vertebral. O exame radiológico revelou a existência de *mal de Pott* bastante adiantado, tendo já três vértebras cariadas.

Andou com um colete de gesso durante muitos meses, até que, em 1941, lhe fizeram a operação dita de Albie. As dores, porém, persistiram na espinha dorsal e a doente teve que pôr um aparelho ortopédico.

Tanto as diversas permanências em hospitais, como os variados tratamentos a que se sujeitou, resultaram improficuos, e a irmã Ermelinda, em Fevereiro de 1949, voltou para a Guarda, não saindo mais da cama, daí em diante. Os pés não podiam suportar, sequer, o peso dos lençóis. O menor movimento causava-lhe dores horribes. Não se podia levantar nem assentar na cama, sem a ajuda da enfermeira, e sem que os seus traços fisionómicos revelassem a intensidade do sofrimento. O seu estado agravou-se a tal ponto que, a seu pedido, administraram-lhe os últimos sacramentos.

VOLTA-SE PARA O SEU FUNDADOR

É então que, desesperando dos meios humanos, ela recorre ao Padre Gailhac. No dia 26 de Dezembro de 1947, começa uma novena ao seu venerando Pai. Lembra de que a Igreja festeja S. João Evangelista no dia 27 de Dezembro, e que era esta a festa patronímica do venerando Fundador, exclama:

— «*O meu Jesus, mostrai-nos que quereis o nosso santo Fundador nos altares! Amanhã é a sua festa: curai-me nessa ocasião.*

Pegando então num saquinho que continha cabelos do Padre Gailhac, aplica esta relíquia sobre os membros doridos e recita a oração aprovada, em 1945, por Monseñor Brunhes, para obter a beatificação do Padre Gailhac. Então, as dores que sentia nas pernas desapareceram de repente. Nessa mesma noite, aplica o saquinho sobre as costas e eis que começa a mover-se sôzinha e a voltar-se na cama sem ajuda de ninguém, e sem experimentar as dores habituais.

No dia seguinte, os progressos continuam. Não tinha nenhum apetite e, agora, tem fome e digere toda a espécie de alimentos. Daí a pouco, consegue levantar-se sôzinha e dar uma volta pelo quarto.

Melhor ainda: já pode beijar o chão e rezar com os braços em cruz, sem a mínima dificuldade. Vai, enfim, à capela e entoia um *Magnificat* vibrante, ouve missa e permanece de joelhos todo o tempo que dura o Santo Sacrifício.

Médicos e Religiosas não ousam acreditar no que vêem... estão pasmados!

Fazem-se novas radiografias, que já não revelam o mais leve sinal de alterações ósseas.

A IRMÃ ERMELINDA ESTÁ COMPLETAMENTE CURADA

Deixa de usar colete, pode mexer-se como toda a gente, e efectuar todos os movimentos normais da coluna vertebral. A partir de 1948, recuperada milagrosamente a saúde, retoma os seus trabalhos no Colégio da Guarda.

— Que importa ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma? ...

(S. Marcos, VIII, 36)

O brado que S.º Inácio fazia ecoar, todos os dias, aos ouvidos de Francisco Xavier — o fidalgo e talentoso catedrático da Sorbonne — e que o levou a fazer os Exercícios, donde saiu transformado no ardoroso Apóstolo das Índias, repetiram-no os Filhos de Inácio, nas diversas casas do «S. Coração de Maria», em Portugal, a

1.801 ALMAS

durante os retiros ali dados em 1950.



«VIDAS

A celebração dum Centenário implica necessariamente uma visão histórica do passado, que ilumine e explique as realidades presentes.

Foi por isso que, ao comemorarem o 1.º Centenário da sua fundação, as Religiosas portuguesas do Sagrado Coração de Maria evocaram, em VIDAS VIVAS, a história do seu Instituto, especialmente em Portugal.

As linhas transcritas neste artigo mostram a simpatia com que o livro VIDAS VIVAS foi acolhido.

Várias revistas e jornais do país, bem como todos os jornais dos organismos especializados da J. C. F., se referiram elogiosamente a VIDAS VIVAS. Para não nos alongarmos em demasia, limitamo-nos a reproduzir algumas dessas linhas:

«[...] Quem lê estas páginas, não pode resistir ao apelo de admiração e imitação de uma vida mais nobre e fecunda, no serviço de Deus».

G. S., *Brotéria*, Junho de 1950

«Vidas Vivas» é, acima de tudo, um livro vivo. Das suas páginas irradia grande projecção apostólica».

Aleluia, n.º 14, 1950

[...] O livro possui para nós, portuguesas, especial interesse porque [...] muitas das nossas raparigas, educadas nesses Colégios, têm dado admiráveis mães de família que recordam sempre com saudade e respeito as boas Irmãs e Madres que [...] lhes deram uma educação perfeita [...].

Maria de Carvalho, *Menina e Moça*, Março de 1949.

«[...] É um pouco também da história espiritual de Portugal que entrevemos nestas páginas, cheias de vida e de emoção, onde os episódios se sucedem, um pouco à maneira de um filme, com um inte-

resse sempre agudo, descritos num estilo fluido e claro, extremamente agradável».

Maria Ulrich (Presidente geral da J.I.C.F.), *Vita Nova*, Maio de 1949.

«Há cor, e luz, suavidade e perfume, martírio e sangue, vibração e apoteose, há VIDA, nestas 450 páginas. Começa-se a leitura: o espirito enleva-se, o coração prende-se, vai-se até ao fim, dá vontade de recomeçar».

H. Alves, *Ação Missionária*, Fevereiro de 1949.

«[...] Através das páginas das «Vidas Vivas», desfila um cortejo maravilhoso de existências humanas que o amor de Deus e da Virgem Imaculada levou a imolar-se, ou melhor: a engrandecer-se, ao serviço de um nobre Ideal.

[...] A leitura, leve e atraente, das «Vidas Vivas», constitui uma demonstração do que valem a obra e o esforço educativo das Religiosas do S. C. de Maria. E conclui-se que o seu Instituto é um alfobre de vidas vivas, fecundas e fecundantes».

C. Maia, *Voz do Pastor*, 28 de Maio de 1949.

VIVAS»



III

Dos venerandos membros do Episcopado chegaram até nós palavras de caloroso acolhimento:

«Parecerá, à primeira vista, que «*Vidas Vivas*» não tem nada que ver com a história da Província Portuguesa do Instituto do Sagrado Coração de Maria, que neste livro se conta. [...] Os que constroem a história, os que a fazem avançar, progredir, ultrapassar-se — são os que vão na frente, com o coração ardente nas mãos, olhos postos no ideal».

† *Manuel, Cardeal Patriarca*

«[...] o interessante e formoso livro «*Vidas Vivas*» que leu com muito agrado e emoção, pois que em muitas páginas, também elas *vivas*, encontra saudosas referências de coisas e pessoas bracarense, de quem guarda no coração imperecível memória [...]».

† *António, Arcebispo Primaz de Braga*

«Venho desde já agradecer-lhe, com muito reconhecimento, o livro que teve a grande bondade de me oferecer. Já ontem comecei a sua leitura, com tanto agrado, e estou certo de que ela me deixará a mais suave e confortante recordação».

† *João, Arcebispo-Bispo de Aveiro*

«[...] Mais do que obra de história, é um livro de almas [...] é manifestação impressionante dum longo apostolado, de sacrifício e de luz, muitas vezes provado pelos rigores da perseguição. [...] Ao terminar a leitura, parece que a alma imerge dum banho de fé».

† *Manuel, Arcebispo de Mitilene*

Felicito pela preciosa obra intitulada «*Vidas Vivas*» a benemérita Congregação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, que me merece a maior estima e apreço, desde que tive a dita de a conhecer e rece-

ber na minha diocese, a quem ela tem prestado os mais relevantes serviços».

† *José, Bispo da Guarda*

«[...] Permita o Senhor que este livro desperte muitas vocações para o Instituto que muito bem fez em Viseu».

† *José, Bispo de Viseu*

«[...] «*Vidas Vivas*», cuja leitura eleva a alma para Deus, contando as maravilhas da Sua Graça, na história da Congregação das Religiosas do S. C. de Maria [...]».

† *Rafael, Bispo de Limira*

IV

Pela voz das suas dirigentes, expressaram os organismos da Liga e da Juventude Católica Feminina, assim como o Noelismo e a Mocidade Portuguesa, os seus sentimentos de vivo interesse:

«[...] todas nós o lemos com a curiosidade habitual, mas com a devoção e respeito com que se folheia e prescrua uma história de família. Creio mesmo que não podia ser mais bem escolhido o seu título, pois a cada passo nos deparamos com a *vida*».

Júlia Guedes

(Presidente Nacional da J.C.F.)

«[...] Leve e sugestiva, a leitura de «*Vidas Vivas*» prende e, sobretudo, impressiona. Descobre-se no desenrolar dos acontecimentos o «dedo de Deus», e a sua autora soube imprimir-lhe a faceta sobrenatural que enriquece o livro e faz bem a quem o lê».

Maria Amélia Lemos Santos

(1.ª Presidente Nacional da J.C.F.)

«[...] Soube unir o fervor e a piedade esclarecida, próprios das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, ao espírito observador e a uma apurada visão de escritora.

[...] a árvore conhece-se pelos frutos, e é justamente por ter tornado tão palpável esta sentença evangélica que «*Vidas Vivas*»

têm um poder sugestivo tão grande e tão bem hão-de fazer!»

Maria de Jesus Vassalo Santos
(Directora de «Ao Largo»)

«[...] Conta-nos num estilo leve, simples e profundo, a história, não só duma alma, mas de muitas almas abraçadas no fogo do divino amor, que trouxeram à juventude feminina portuguesa os maiores benefícios espirituais [...]».

Maria Godinho Saldanha
(Presidente Nacional da União Noelista Portuguesa)

«[...] livro profundo e leve, cheio de Sol para o espirito, que sabe bem ler e meditar».

Adriana Rodrigues

(Da Direcção Nacional da Obra de Protecção às Raparigas e da Direcção do Instituto do Serviço Social, de Lisboa)

«[...] quanto admirei as «*Vidas Vivas*» que no livro se vêem viver. Realmente, *vêmo-las viver* nas páginas tão literariamente bem escritas das «*Vidas Vivas*» que o livro se leria duma vez só, se fosse possível ler de enfiada as suas 400 páginas!

Maria Joana Mendes Leal
(Presidente Nacional da Obra de Protecção às Raparigas e Directora de «Menina e Moça»)

V

De diversas entidades em destaque — quer no meio eclesiástico e religioso, quer no intelectual e social — recebemos também palavras reveladoras de grande estima de que transcrevemos algumas passagens mais expressivas:

[...] Páginas palpitantes de interesse e de vida. [...] Quem sabe se não irão rasgar novos horizontes, apontar ideais mais altos a tanta rapariga que não conseguiu ainda erguer os olhos acima da terra, ou não encontrou o rumo do seu destino.

P. Júlio Marinho, S.J.
(Provincial da C.ª de Jesus)

«[...] Já li quase tudo com o maior prazer estético e espiritual. Estético por ver o livro tão elegantemente escrito e tão lindamente apresentado. Espiritualmente pelo bem que fazem à alma tão edificativos exemplos de virtude e as máximas de perfeição que os inspiraram e lhes dão realce».

P. Luís Gonzaga da Fonseca, S.J.
(Professor do «Pontifício Instituto Bíblico», Roma)

«[...] Como, através de tão formoso «documentário» se verifica, mais uma vez, ser na fidelidade aos anseios do Senhor que

se encontra a melhor realização do programa de «*Vida Viva*» do velho Ezequiel:

— *És justo!... guia teus passos pelo trilho da Lei e procura surpreender os mais escretos anseios do Coração do Pai, para os realizar em verdade: e a tua vida será viva!*

— *És pecador?... entra em ti, afasta-te da tua maldade, faze penitência e pratica a perfeição, buscando realizar os mais íntimos planos de Deus: e a tua vida será viva!* (Ez. XVIII, 5, 9-21, 27, 29)».

P. Luis Lopes de Melo, Coimbra

«[...] Nem que o centenário não deixasse em Portugal outra lembrança além deste livro, tinha valido a pena celebrá-lo. Foi escrito com amor, com simplicidade e graça, ao mesmo tempo [...]».

P. Clemente Pereira da Silva, C.S.Sp.
(2.º Assistente Geral da Congr. do Esp.ªo Santo, Paris)

«[...] o livro «*Vidas Vivas*», de cujo conteúdo já me inteirei o suficiente para que vá hoje colocá-lo sobre a mesa de cabeceira das minhas duas filhas mais novas, a quem «*Vidas Vivas*» servirá de lição e exemplo.

[...] Hoje, não se poderia fazer *história* de outra forma. Em vez de história bebida nos arquivos, faz-se história das almas, das vidas em oblação perpétua. Até nisto se vai ao encontro do gosto de hoje, propenso à biografia psicológica. A história do Instituto é, afinal, a história de mil sacrifícios, firmados na oração.

Em todos os capítulos que li pude verificar que o estilo da obra nunca desce ao vulgar e nunca ascende ao impenetrável. É uma obra para todos — mestres e discípulos, adultos e jovens».

Álvaro Júlio da Costa Pimpão
(Professor da Faculdade de Letras de Coimbra)

«[...] O livro «*Vidas Vivas*» é encantador. São as Religiosas do Sagrado Coração de Maria responsáveis por uma noite inteira que perdi, a ler o livro todo. [...] Lê-se com um encanto de que a gente se não liberta sem ler tudo. Foi o que me aconteceu».

Pedro Correia Marques
(Director de «A Voz»)

«[...] tenho a grande satisfação de dizer que me sinto cheio de encantamento por tão deliciosa leitura que profundamente me impressionou, porque aquelas vidas são realmente *vidas vivas* [...]».

Eng.º Henrique Ruas, Coimbra.



VINTE ANOS CHEIOS...

«O Senhor fez como a águia: estendeu os asos e... tomou-a consigo!»

(Deut. 32, 11)



— A Isabel morreu!

— Quem? A Isabel Alves? É lá possível?!...

E a notícia corre, voa. E onde se encontra alguém que a conheceu, deixa consternação, saudade, surpresa dolorida...

Pedem-me que diga alguma coisa sobre a Isabel. Mas que hei-de eu dizer, se ela passou entre nós, *de tal maneira como nós*, que só a morte — morte simples como toda a sua vida — a revelou verdadeira e deira a aos que com ela conviveram? É que a luz eterna que agora a ilumina põe em foco mil pormenores, tão imprecisos antigamente, que quase nos passavam despercebidos.

Conheci-a no Colégio. Frequentava ela o 4.º ano do liceu, quando nos aproximámos. Nessa altura, a Belinha estava a passar pelo «choque que faz novas todas as coisas em que poisa o nosso olhar»...

Com que ardor andava já em busca da verdade! Seria, então, que se iniciou numa vida de piedade mais interior?

A ascensão foi rápida. Traía-se nas mais pequenas coisas a ânsia que tinha de perfeição. Comungava e assistia à Missa com muita frequência; às vezes, até, semanas inteiras sem faltar um dia. A sua vida espiritual dava-nos a impressão de não ter altos nem baixos, tão habitual era o esforço por se dominar, tão constante a fidelidade aos seus deveres para com Deus. Ainda estas férias, a Isabel, levantando-se a meio

duma conversa cheia de animação e interesse, diz para a amiga com quem estava:

— Chegou a hora, tenho que ir fazer a meditação.

— Não vás... tens tanto tempo! Faze-la mais logo. — E instava: — Está aqui tão bom; fica mais um bocadinho!

Mas a Isabel não se deixa tentar nem pela beleza do lugar, nem pela suavidade da hora, nem, tão pouco, pela voz amiga, e responde:

— Sabes? Tu, quando fores velhinha e morreres, S. Pedro pergunta-te o que lhe trazes, e terás para lhe dar as meditações da velhice; mas eu... só tenho o tempo de agora!

E ria-se, não fosse a amiga entristecer-se com a previsão. De resto, ao pé dela, não havia nunca tristezas.

Alegre e viva, gostava de se divertir e de brincar. Quem não

se lembra da Isabel no palco do Colégio? Cabiam-lhe sempre os papéis mais engraçados e mais difíceis de interpretar, mas com que talento e com que espírito se desempenhava deles!

Muito feminina, cuidava de si e da sua «toilette» com esmero, mas dentro duma nota de encantadora discrição e modéstia. Tinha grande queda para coisas de casa e, ainda mesmo que tivesse muito que estudar, mostrava-se sempre prestável e disposta a sacrificar-se pelos outros.

Era uma característica do seu feitio: dar-se toda a tudo o que fazia. Trabalhou com entusiasmo na J.E.C.F. do seu Colégio, onde foi Presidente, no ano de 1948.

«Minha alma está em festa!
Quero esta vida que Deus me deu, transformada numa contínua acção de Graças ao Criador; quero repetir-lhe a cada instante: — Obrigada, meu Deus, obrigada! Bendito sejas, Senhor! Oh! Fazei, meu Deus, que, sob as tempestades, os perigos, as tentações, as tribulações, eu veja sempre brilhar o Sol do Vosso Amor e repita ainda: — Meu Deus, obrigada! Bendito sejas, Senhor!»

ISABEL

Na *Congregação das Filhas de Maria*, desempenhou o cargo de vice-presidente. A recepção da *fita azul* marcou na vida da Isabel, qual nesga de céu a rasgar-lhe ainda mais os horizontes de pureza e generosidade que, desde a infância, a atraíam para os cumes!

Na sua frente, vê abrir-se, então, dois caminhos de futuro:

Vida religiosa? Matrimónio?

Fundar um lar e ter muitos filhos foi sonho que ainda a tentou. Dá mesmo uns passos tímidos em direcção ao casamento, mas a atracção pela vida religiosa detém-na, a meio caminho. Parece que a Isabel morreu sem desvendar o segredo do seu futuro na terra. Hoje, que os mais diversos e insuspeitos testemunhos nos dão a certeza moral de que ela viveu, durante anos, na convicção de que havia de nos deixar aos vinte, compreende-se que assim fosse.

No dia dos seus anos — 27 de Janeiro — a Isabel convida as amigas para irem passar a tarde com ela:

— Venham festejar os meus vinte anos! São os últimos...

Nenhuma a acredita. Rem-se, e ela ri com elas.

No *Instituto do Serviço Social*, que frequentou durante um ano, deu bem a medida do seu talento e do seu valor moral. Era apreciadíssima por Professores e Colegas. Nos estágios que fez em diversos hospitais, os doentinhos tão presos ficavam do seu carinho e solicitude que, não raro, os viram chorar quando os deixava para passar a outro serviço! Na Quaresma passada, tendo sido pedido voluntárias para visitarem os leprosos do Hospital do Rego e ajudá-los a preparar-se para a Comunhão Pascal, ela foi das primeiras que se apresentaram. Vinha sempre de lá consoladíssima, deixando-os mais consolados ainda, e cada vez mais encantados com o modo afável e lindo com que ela lhes falava das coisas de Deus, sem mostrar a menor repugnância pelo mal que os afligia.

«A Isabel não é deste mundo», afirmavam todos os que a conheciam, mas ela,

que se via à luz de Deus — luz que aos santos faz ver imperfeições na sua própria virtude — dizia, às vezes, na intimidade:

— Não sou tão boa como me julgam!...

Passa as últimas férias em Campo Maior. Dias antes de vir para Lisboa — a última viagem que faria em vida! — foi convidada por uma senhora de quem era muito amiga, para assistir ao casamento dum filho.

— Não posso...

— Mas porquê? — perguntam-lhe.

— Bom, eu digo! — responde, depois de muito instada. — É porque quando o Zé casar, eu já não existo...

E como não acreditassem — as suas previsões melancólicas esfumavam-se sempre em risos e ninguém as tomava a sério! — a Isabel acrescentou, a sorrir:

— Verá!

Veio a doença; sintomas graves alarmam os que a rodeiam e, sem querer, vêm-lhe à memória as previsões que lhe tinham ouvido...

A Isabel estava preparada. No entanto, quer preparar-se me-

lhor ainda, e pode dizer-se que, desde então, levava os dias em contínuo trato com Deus. Os mais íntimos contam coisas que nos fazem pensar se, durante esses últimos dias, não lhe terão sido concedidas graças de carácter extraordinário.

Quando, há pouco, as reliquias de S. João de Deus visitaram Lisboa, houve um dia em que ela, absorvida na oração, quase não disse palavra. Deviam entender-se bem: ambos alentejanos, tinham não pouco de parecido na ténpera de alma e no ardor do coração!

A doença prosseguia no seu curso implacável.

Numa curta fase de melhoria, tem palavras como esta:

— Muito tenho aprendido com a minha doença! Não há dúvida. Uma doença grave é muito útil: só ela nos diz o que ninguém nos podia ensinar.

Para que o sacrifício tivesse aquela *plenitude de resgate*, que ela desejava dar-lhe,

(Continua na pág. 48)

«Vou no Domingo à Sé, jurar, e, ao pensar nos responsabilidades que sobre mim pesam, estremeço. Mas eu quero afastar este princípio de cobardia, quero ser uma rapariga corajosa, digna do distintivo que uso. — Vêde, pois, meu Bom Jesus, que fraco e que indigna que eu sou, quando não estais comigo! Vinde depressa, voltai ao meu pobre coração, com todos os Vossos tesoiros de Bondade!».

ISABEL



N O ano que vai entrar, faz 80 anos o Instituto em Portugal. Quase tão antiga é a tradição dos «passeios grandes», pelos fins do ano lectivo.

O Colégio de Lisboa foi até à Arrábida. À chegada a Cesimbra, a gente nova atirou-se, cheia de entusiasmo e alegria, à... *escalada heróica do Castelo.*

Feita a *gloriosa conquista*, foi-se, depois, até ao Cabo Espichel e ao Portinho da Arrábida, a refrescar dos... ardores da peleja. Passearam, andaram de barco, merendaram e, no regresso, vinham capazes de se atirar ao trabalho com o brio e denodo com que os guerrelros de antanho se haviam atirado aos moiros, ali por aquelas redondezas!

HOJE COMO HÁ OITENTA ANOS

○ Colégio do Porto, além do passeio a Viana do Castelo, mandou uma delegação a Riba de Ave, onde colheu *lição magnífica de Assistência Social*, inspirada em genuíno espírito cristão — lição documentada com factos eloquentes: a formosa Igreja construída pela família Ferreira; o hospital; o serviço de assistência moral e material dispensado aos centenares de operários das suas fábricas.

A Ermelinda Maria, filha da «antiga» de Braga, Mercedes Gomes da Costa Ferreira, teve a alegria de ver algumas das suas Mestras e companheiras, na festa da sua Comunhão Solene, estando a parte musical à conta do grupo coral do Colégio.



Degraus duma Vocaçãõ

(Continuação da pág. 35)

no caminho dos sacrifícios, abraça a pobreza, purifica o coração, imola a vontade própria e já deixa irradiar o zelo em que arde de trabalhar na salvação das almas.

Não é uma pura cerimónia, uma simples mudança de traço, mas um símbolo misterioso de transformação interior, o 3.º degrau da vocação:

A TOMADA DE HÁBITO

IV

SEPARADA do Mundo pelo Postulado, e mais chegada ao Esposo Divino pela Tomada de Hábito, a Noviça trabalha com fervor por se tornar cada vez mais agradável Aquele que, em breve, se dignará tomá-la por Sua esposa.

Lutar para viver

(Continuação da pág. 33)

vivido pelas paixões, pelos inúmeros caprichos da circunstância, do dia a dia, da bagatela. E há tantas coisas que merecem a nossa luta e se perdem se negamos a lutar. Primeiro a nobreza da alma e a sua liberdade espiritual que se diminui, escravizada às criaturas, e depois a imensa multidão de vencidos que esperam de nós a libertação.

AINDA TE LEMBRAS DELAS ? ...

O mundo, tem necessidade de exemplos belos, «de vidas vivas» que resgatem os que não queiram comprometer-se a lutar

Vinte anos cheios...

(Continuação da pág. 44)

permitiu o Senhor que fosse muito dolorosa a arrancada da vida... — Morrer tão nova quando se sabe dar o verdadeiro sentido à existência e que tanto apetecia viver! ... A Isabel não ocultava a luta que, nessas horas de angústia, se travava entre a natureza e a graça, mas agarrando-se amorosamente à vontade de Deus, aceitava os seus desígnios de todo o coração!

À noitinha do dia 17 de Outubro, finava-se serenamente, murmurando, em humilde súplica:

— Meu Jesus, misericórdia! Valei-me!

Diante desta rapariga que, *vivendo entre nós e como nós*, soube ser piedosa sem

A Profissão — para a qual se prepara no Noviciado — é o acto mais celeste, mais perfeito e mais divino que a criatura pode fazer. Todos os actos de virtude ou de religião são sacrifícios: só a Profissão Religiosa é holocausto onde tudo fica consumido pelo fogo do Amor.

E, todavia, a alma disfruta, no meio destas imolações, alegrias, consolações, felicidade que excedem tudo o que o mundo pode oferecer-lhe!

— Sim, meu Deus; sim, meu tudo, para sempre quero ser vossa e não somente no Tempo mas por toda a Eternidade, — exclama, cheia dum santo entusiasmo, ao subir o 4.º degrau da Vocação:

A PROFISSÃO RELIGIOSA.

(Dos Escritos do V. Fundador)

para vencer as paixões e guardarem a pureza da alma e a paz e liberdade do espírito.

Abraçar de novo a «visão nobre e larga da vida» que a todos nós, nalgum momento pelo menos fulgiu, ser-lhe fiel e aglomerar em torno dela o pensamento de Eternidade e de todas as coisas que lá se repercutem, eis um programa que merece fervoroso e empenhado cumprimento.

Só a luta valoriza a vida. Só pela luta se vive. Só pela luta se triunfa aqui e... além!

Com certeza, te «ensinaram coisas pelas quais vale a pena lutar». Ainda te lembravas delas ?

JOÃO MAIA, S. J.

exageros, alegre sem estouvamentos, meiga sem pieguices, firme sem severidade, fica-se a admirar o potencial de Graça Divina que sobrenaturalizou uma vida tão integralmente humana!

MARIA ISABEL
(«Antiga» de Lisboa)

**Laus Deo
et
Mariae**

NADA OBSTA:

Lisboa, 30 de Novembro de 1950

P. João Cobral, S. J.

Pode imprimir-se

Lisboa, 2 de Dezembro de 1950

† M. Arcebispo de Mitilene

ÍNDICE

	Págs.
<i>A Voz das «Antigas»</i> , Dionísia Camões de Mendonça	1
<i>Na luz da Assunção de Maria</i> , José Carvalhaes, S. J.	3
<i>Cêu na terra (soneto)</i> , Alberto de Monsaraz	5
<i>Como se forja um santo</i> , Madalena Donas Boto	6
<i>O que o Colégio foi para minha Mãe</i> , João Ameal	9
<i>Quatro grandes Educadoras</i>	10
<i>Pilhos, netos, sobrinhos das «Antigas»</i>	11
<i>A «Cilinha»</i> , M. de C. (R. S. C. M.)	13
CORMARIÆ nos Colégios:	
<i>Porto</i>	14
<i>Braga</i>	16
<i>Guarda</i>	18
<i>Aveiro</i>	19
<i>Guimarães</i>	20
<i>Lisboa</i>	22
<i>A Vida (versos)</i> , Maria Amélia (Lisboa — Lar.)	23
<i>O Instituto do S. C. de M.º, em Fátima</i>	24
<i>A minha Candeia (versos)</i> , M. C. de J. (R. S. C. M.)	29
<i>A fala da alma (versos)</i> , Maria da Graça («Antiga» de Lisboa)	29
<i>Universitárias nos Lares do S. C. de M.º</i>	30
<i>Universitárias na América</i>	32
<i>Lutar para viver</i> , João Maia, S. J.	33
<i>Degraus duma vocação</i> , P. João Gailhac	34
<i>A caminho de Roma</i> , a Peregrina R. C. A.	36
<i>Roma vai falar do Padre Gailhac</i>	38
<i>«Vidas Vivas» na imprensa e na correspondência</i> , M. C. de J. (R. S. C. M.).	42
<i>Vinte anos cheios</i> , Maria Isabel («Antiga» de Lisboa)	45
<i>Hoje como há 80 anos...</i>	47